SIMPLESMENTE CAMINHEI

DIÁRIO DE UM PEREGRINO IMPERFEITO NO CAMINHO DE SANTIAGO

Michele Colucci



2026

SLPC

© Michele Colucci

Edições SLPC

Design da capa: Francesca Negri

Paginação: Antonella Frattini

Revisão da versão portuguesa: Carla Barba-Rôxa

Aos meus amigos peregrinos,

que encontrei ao longo do Caminho e na vida.

Obrigado por terem partilhado comigo um troço do caminho.

Ultreia! Et suseia!

Índice

O caminho que percorri 9
Antes da partida: preparativos físicos e mentais 11
Sábado, 25 de abril de 2026: o dia da partida 19
Domingo, 26 de abril: Roncesvalles, ou seja, a montanha, o nevoeiro e a humanidade 25
Segunda-feira, 27 de abril: «Eu, na dúvida, como»… 35
Terça-feira, 28 de abril: rumo a Pamplona — peregrinos de quatro estrelas 45
Quarta-feira, 29 de abril: Buda e o «passo merenda» 53
Quinta-feira, 30 de abril: entre a cevada e o trigo, igrejas e roupa estendida 59
Sexta-feira, 1 de maio: água e vinho e o holandês que encontrou o amor (e um café) no Caminho 65
Sábado, 2 de maio: Viana, Logroño, a chuva e os Erasmus do destino 71
Domingo, 3 de maio: La Rioja, a reformada inglesa e o luxo absoluto de um *parador* 77
Segunda-feira, 4 de maio: o Caminho segundo Noé 85
Terça-feira, 5 de maio: *Napul'è*…, a montanha da Oca e 49 quilómetros de delírio 91
Quarta-feira, 6 de maio: Gigi D'Alessio e a meseta 97
Quinta-feira, 7 de maio: São Nicolau de Bari a meio do Caminho 103
Sexta-feira, 8 de maio: lágrimas e chuva 109
Sábado, 9 de maio: onde os outros não viam nada 119
Domingo, 10 de maio: a história de Santiago de Compostela 123

Segunda-feira, 11 de maio: León debaixo de chuva 131
Terça-feira, 12 de maio: humilhação meteorológica 137
Quarta-feira, 13 de maio: almoço diplomático
por engano e até mesmo SPA 145
Quinta-feira, 14 de maio: a vida que recomeça 151
Sexta-feira, 15 de maio: Ando 161
Sábado, 16 de maio: a última caminhada
e aquele «*allez*» sussurrado… 165
Domingo, 17 de maio: o «*chuletón*» fatal 175
Segunda-feira, 18 de maio: uma pequena
humanidade cansada e feliz 185
Terça-feira, 19 de maio: o caminho ganha
um novo brilho 191
Quarta-feira, 20 de maio: Santiago não vai fugir! 197
Quinta-feira, 21 de maio – Parte 1: a Europa
nasceu em peregrinação a Compostela 201
Quinta-feira, 21 de maio – Parte 2:
simplesmente caminhei 207
Sexta-feira, 22 de maio: o último *sello* e
a missa do peregrino 211
Epílogo — O regresso 217

O CAMINHO QUE PERCORRI

Passo a passo em direção a Santiago



Antes da partida: preparativos físicos e mentais

Dormi pouco na noite antes da partida. Um pouco por causa da constipação, um pouco por causa do dente que, obviamente, tinha escolhido o melhor momento para se partir, um pouco porque certas viagens têm início muito antes da partida: começam quando a mente já partiu e o corpo já não consegue ficar parado. O Caminho, por exemplo, não começa quando se coloca a mochila às costas, mas muito antes, quando alguém nos pergunta: «Porque é que fazes isto?» e não sabemos responder. Ou, pior ainda, sentimos que uma resposta demasiado precisa estragaria tudo.

Na verdade, há muitos anos que desejava fazer esta viagem. Talvez fosse uma busca espiritual ou, simplesmente, sentisse a necessidade de me afastar, por algumas semanas, do barulho do mundo e das infinitas exigências que preenchem os nossos dias. Precisava de silêncio, de espaço, de tempo só para mim.

Santiago exercia sobre mim uma atração especial, como se aquela cidade distante me chamasse discretamente e com uma obstinação impossível de ignorar.

Não tinha devoções específicas, nem promessas a cumprir. No entanto, sempre que alguém falava do Caminho, acendia-se uma centelha dentro de mim. Era uma mistura de curiosidade e inquietação, a sensação de que, algures, existia um caminho que, mais cedo ou mais tarde, teria de percorrer. Não porque procurasse uma resposta ou uma revelação, mas simplesmente porque tinha a sensação de que Santiago de Compostela estava à minha espera.

Assim, ano após ano, essa ideia permaneceu, silenciosa e persistente. Não tão forte que me obrigasse a partir, mas também não tão ténue que pudesse ser esquecida. Permanecia ali, como pano de fundo da minha vida, à espera do seu momento.

Só que, entretanto, a vida continuou a desenrolar-se perante mim: primeiro o trabalho, depois as responsabilidades para com os filhos e, por fim, os pais que envelhecem e adoecem, por vezes gravemente. Todos os anos repetia para mim mesmo: «O próximo ano será o ano certo». E todos os anos havia sempre uma razão válida para adiar.

Houve um momento em que compreendi uma verdade muito simples, mas também algo desconfortável: talvez não haja uma altura certa para o Caminho. Existem, sim, pessoas que continuam a adiá-lo até que o corpo, o medo ou a vida decida por elas.

E, então, a decisão foi quase repentina. Não irresponsável, mas repentina, sim.

Tal como acontece com certas escolhas importantes: na verdade, não as planeias. A dada altura, apenas percebes que, se não partires naquele momento, corres o risco de nunca mais o fazeres.

A verdade é que só consegui partir porque muitas pessoas me apoiaram, sem me fazerem sentir egoísta por ter o desejo, aparentemente absurdo, de atravessar a pé, durante semanas, todo o Norte de Espanha.

A minha mulher, em primeiro lugar, que não só compreendeu, mas também me incentivou desde o início. E, conhecendo-me, talvez também precisasse de verificar se, depois de quase oitocentos quilómetros, eu voltaria mais iluminado e, quem sabe, mais organizado em casa.

Depois, os meus filhos, que, com razão, dadas as minhas condições físicas, achavam que eu voltaria ao fim de cinco, no máximo sete dias.

A seguir, o meu irmão de Milão. Ainda guardo a sua mensagem no coração:

«Podes partir tranquilo. Eu trato da mãe e do pai. Quem me dera poder fazer o Caminho também…»

Há frases que não se pronunciam, mas deixam uma marca profunda. A dele foi uma delas.

Porque o Caminho é percorrido por uma única pessoa, mas, na realidade, nunca se parte verdadeiramente sozinho. Há quem te acompanhe fisicamente e quem te apoie invisivelmente, a partir de casa, ocupando-se da vida enquanto tu tentas, por uma vez, abrandá-la.

Os meus colegas também perceberam logo. Sem ironia, sem suspeitas de que se tratasse de um funcionário em crise mística. Pelo contrário. Encorajaram-me imediatamente, quase com uma ternura inesperada. E isso impressionou-me muito, porque, muitas vezes, pensamos que o mundo do trabalho é feito apenas de procedimentos e longas reuniões (cada vez mais online), mas, por detrás das secretárias, continuam a existir seres humanos que reconhecem a necessidade profunda de alguém parar e respirar.

No entanto, o Caminho impõe também decisões puramente materiais, com repercussões inevitáveis no corpo e na mente. Assim, nos últimos dias antes da partida, entrei numa espiral psicológica dominada por uma única pergunta fundamental: quanto deve pesar uma mochila para me permitir encontrar Deus sem destruir definitivamente a minha coluna vertebral?

Passei horas em lojas especializadas, a ouvir os vendedores a falar de encostos ergonómicos, sistemas de ventilação e distribuição de peso, com tal competência que me fizeram sentir culpado por ter pensado, até àquele momento, que uma mochila era simplesmente uma bagagem para carregar às costas. Após meia hora de aconselhamento, tinha a sensação de que uma escolha errada poderia comprometer não só o meu Caminho, mas também o equilíbrio geopolítico de toda a Europa Ocidental.

Vi dezenas de vídeos no YouTube, nos quais peregrinos escandinavos e americanos, inquietantemente serenos, mostravam como dobrar uma camisola técnica «para poupar espaço e libertar a alma». Li livros sobre o Caminho, vi *The Way*, o filme americano que te convence de que, ao chegar a Santiago, encontrarás automaticamente paz interior e iluminação, e depois, também, o filme italiano, *Buen Camino*, decididamente mais irónico.

Entretanto, também tive aulas de espanhol com a Maria Elena, a minha professora extremamente paciente e competente, que, durante semanas, tentou preparar-me psicológica e linguisticamente para a sobrevivência ibérica. Graças a ela, cheguei a Espanha com a sensação de já conhecer o Caminho: os seus locais mais bonitos, os monumentos, a comida,

as tradições e algumas palavras indispensáveis para a sobrevivência do peregrino.

Na realidade, quando comecei mesmo a percorrer o caminho, o meu vocabulário prático, no início, reduziu-se quase sempre a «*un café solo por favor*», «*una cerveza sin alcohol*», «*muchas gracias*» e «*dónde está la lavandería?*».

Todos me deram conselhos: «Leva só o essencial», «Duas mudas de roupa bastam», «O supérfluo vai pesar-te imenso».

Sim, claro. Mas ninguém te explica o que é o essencial quando estás a olhar para as tuas camisolas, os boxers e as meias espalhadas pela cama, a tentar perceber quanta roupa é precisa para atravessar Espanha, mantendo, ao mesmo tempo, a dignidade pessoal, a saúde mental e relações sociais aceitáveis.

No final, tirando e colocando coisas continuamente, consegui a proeza — para mim, certamente heroica — de encher uma mochila com apenas seis quilos e meio de várias peças de roupa e equipamento útil para a caminhada em qualquer condição meteorológica. Para muitos peregrinos, teria sido um triunfo do minimalismo zen. Para mim, ainda parecia demasiado. Na semana anterior, tinha feito um ensaio geral: vinte e dois quilómetros desde a minha casa, em Overijse, na Bélgica, até Leuven, sem sequer levar a mochila.

Cheguei exausto. Destruído no corpo, no espírito e, provavelmente, também em, pelo menos, um par de músculos que, até então, nem sequer sabia que tinha. Ainda me lembro do pensamento muito lúcido que tive a meio do caminho: «Nunca vou ver Santiago. Na melhor das hipóteses, vão encontrar-me na Flandres, encostado a um muro, enquanto peço assistência espiritual a um ciclista.»

Depois, havia o drama dos sapatos. Calço o 48 e meio, o que, já na vida normal, é uma forma de marginalização social. Todos os especialistas do Caminho não paravam de me repetir a mesma frase aterradora: «Tens de comprar pelo menos um tamanho acima, porque o pé incha.» Um tamanho acima? Eu já entro nas lojas e os vendedores olham para mim como se eu estivesse à procura de esquis aquáticos numa zona de montanha!

Antes da partida, verifiquei tudo pelo menos quatro vezes: documentos, medicamentos, carregadores, saco-cama, capa de chuva (embora estivesse convencido de que nunca a iria usar) e chapéu. No entanto, continuava com a sensação de me ter esquecido de algo importante. Só muito mais tarde é que percebi que era verdade: tinha-me esquecido de me preparar para o silêncio. Aquele silêncio particular das horas a sós, que, no início, pesa sobre ti e, depois, lentamente, te esvazia; aquele que não podes interromper com um telefonema, um e-mail ou uma reunião.

Durante anos, medi o tempo em compromissos, notificações, prazos. No Caminho, porém, o tempo muda de natureza: calcula-se em quilómetros, em fontes encontradas no momento certo, em *bocadillos* comidos sentados, talvez num prado, e em pessoas encontradas por acaso que, meia hora depois, parecem amigos de longa data. Talvez seja precisamente este o segredo do Caminho: não te pergunta quem és. Não importa o trabalho que fazes, a conta bancária, os títulos ou o papel que tens na sociedade. Somos todos iguais: peregrinos cansados, sujos, com calor ou talvez com frio, famintos, à procura de uma boa refeição e de uma ligação Wi-Fi.

A completar o quadro ficou Wim, o meu cunhado, já convertido pelo Caminho duas vezes, que acabou de partir para a terceira e agora está convencido de que atravessar os Pirenéus é uma forma avançada de terapia espiritual. Com o entusiasmo missionário típico dos veteranos de Santiago, quase me implorou para partir do País Basco francês em vez de Pamplona, como eu tinha planeado inicialmente, para evitar o início particularmente difícil do caminho.

Assim, dei por mim a aterrar em Bilbau com a serenidade límpida de quem não faz a menor ideia para onde se dirigirá nem de onde dormirá nessa noite: Saint-Jean-Pied-de-Port ou Pamplona, destino ou improvisação.

Sábado, 25 de abril de 2026: o dia da partida

A minha mulher decide acompanhar-me até ao aeroporto. Não fica na zona de *Kiss and Ride*, não. Acompanha-me até aos controlos de segurança e, sorrindo, diz-me:

— Quero ter a certeza de que partes.

Sinto-me como uma criança, no primeiro dia em que é deixada no jardim de infância: mochila pequena mas já demasiado pesada, um ligeiro trauma emocional e nenhuma possibilidade concreta de fuga.

Aterro em Bilbau, no País Basco, rodeado por um verde intenso, tipo esmeralda. À saída do aeroporto, descubro, quase milagrosamente, que há um autocarro direto para Donostia–San Sebastián. Quando o acaso decide por ti, muitas vezes fá-lo melhor!

San Sebastián é tão elegante como me lembrava: requintada sem ostentação, bela sem necessidade de se explicar. Faço um passeio rápido até à catedral e, depois, sigo em direção a Bayonne, em França, onde tenho a minha primeira autêntica experiência popular do Caminho: a festa do porquinho cor-de-rosa.

Eu procurava recolhimento espiritual e, em vez disso, encontro milhares de pessoas vestidas de cor-de-rosa, cânticos de estádio, cerveja por todo o lado e caras

de porquinhos sorridentes que me fitam de todos os cantos da cidade. No meio daquele alegre caos, prólogo do meu solitário percurso, ocorre-me pensar: talvez até a alegria coletiva seja uma forma de oração. Certamente mais barulhenta do que a eclesiástica, mas sempre profundamente humana.

Finalmente, entro no pequeno comboio para Saint-Jean-Pied-de-Port, uma única carruagem cheia de peregrinos, mochilas enormes e silêncios nervosos. Todos temos a mesma expressão mutável de entusiasmo e ansiedade temerosa: a de quem se pergunta simultaneamente «Que experiência maravilhosa será esta?» e «Mas quem é que me meteu nisto?»

Passado pouco tempo, no comboio, entro em pânico ao ouvir alguns comentários: há muito poucos lugares disponíveis nos hotéis, o posto de turismo está prestes a fechar. O caos avança lentamente dentro de mim, juntamente com a sensação concreta de poder passar a minha primeira noite mística num banco francês. Mas, no último momento, a sorte, impulsionada pelo céu, vem em meu auxílio.

Encontro um albergue e chego lá muito tarde, morto de cansaço e com aquela lucidez mental típica dos peregrinos após doze horas de viagem. O rapaz da receção acompanha-me até ao quarto sem dizer muitas palavras, enquanto eu arrasto a mochila

como se contivesse pedras de lava do Vesúvio e não os meus preciosíssimos seis quilos e meio de «essenciais».

Abro a porta: duas camas de beliche, luz suave e, acima de tudo, duas raparigas americanas já de calções de pijama, perfeitamente tranquilas, como se partilhar um quarto com desconhecidos do sexo oposto fosse a coisa mais natural do mundo.

Eu, por outro lado, fico paralisado no limiar, com a expressão de um seminarista acidentalmente catapultado para um *college movie* americano.

— Desculpem… creio que há algum engano. Acho que deveria ficar num quarto só para homens.

Uma das duas raparigas, Katherine, do Wisconsin, olha para mim com um sorriso. Tem pouco mais de vinte anos, uma trança loira, aquele ar de quem encara cada imprevisto como uma oportunidade de crescimento pessoal e aquela serenidade típica das americanas que fazem ioga ao amanhecer, bebem litros de água e conseguem achar «*amazing*» até um sumo de aipo.

— Mas talvez não conheças o espírito do peregrino?

Pergunta-me isso com tanta naturalidade que, por um instante, sinto-me eu o estranho.

Sinceramente, neste momento, só conheço o espírito do constrangimento.

Ela continua, tranquila:
— Aqui, dormimos todos juntos. Homens e mulheres, é melhor habituares-te à ideia.

Será. Mas continuo a sentir-me profundamente desconfortável. Não por maldade, nem por malícia. É simplesmente a educação católica dos anos oitenta misturada com quarenta anos de automatismos sociais: entrar num quarto com duas desconhecidas já em roupa de dormir parece-me uma situação em que, a qualquer momento, deveria aparecer pelo menos um pároco ou uma professora para nos chamar à ordem.

Elas, pelo contrário, estão totalmente descontraídas. Eu não. Deixo a mochila no chão, tentando desesperadamente não olhar para nenhuma direção específica.

Na verdade, naquele momento, percebo que o peregrino, lentamente, vai perdendo as suas superestruturas. No início, parte a pensar no peso da mochila. Depois, descobre que o verdadeiro peso são todas as rigidezes, os medos elegantes e os hábitos que arrasta dentro de si há anos sem sequer se aperceber. Nos refúgios e nos *albergues* do Caminho, as pessoas deixam rapidamente de representar os papéis habituais. Já não és o funcionário, o advogado, o gestor, o reformado, o estudante ou o professor.

Tornas-te simplesmente um ser humano cansado que procura uma cama, um duche quente e, quem sabe, uma tomada elétrica livre.

Naquele quarto improvisado, entre mochilas espalhadas, botas húmidas e americanas perfeitamente serenas perante o meu evidente desconforto de europeu da velha guarda, percebo que a fraternidade não nasce quando somos iguais, mas quando aprendemos a conviver com respeito mútuo nas nossas diferenças, nos nossos constrangimentos e na nossa frágil humanidade.

Mais tarde, dou por mim finalmente com a credencial do peregrino nas mãos e o primeiro carimbo, ou «*sello*», como lhe chamam em Espanha, recém-aposto. Um gesto simples, quase burocrático, que me emociona e me gratifica mais do que muitos carimbos oficiais recebidos ao longo da vida. Talvez porque este carimbo não autoriza nada nem aprova nada, nem sequer te complica a vida com anexos e formulários: atesta que, por fim, tiveste a coragem de dar o primeiro passo.

Esta noite, na pequena Saint-Jean-Pied-de-Port, percebo que o meu Caminho começou muito antes. Talvez no momento em que decidi ter medo e superá-lo ou, talvez, quando deixei de procurar uma explicação perfeita. Só sabia que algo me estava a chamar. Não de forma teatral ou mística.

Nenhuma voz vinda do céu, nenhuma iluminação repentina. Mais simplesmente, sentia a necessidade de caminhar e de me reencontrar.

A Credencial do Peregrino: o verdadeiro início!



Domingo, 26 de abril: Roncesvalles, ou seja, a montanha, o nevoeiro e a humanidade

Às seis e meia, já estou em pé. A janela ficou aberta a noite toda, e o ar fresco entrou no quarto com a mesma determinação da minha mãe no almoço de Natal, quando abria todas as janelas porque «aqui dentro não circula ar».

Movo-me tentando não acordar os outros. Aprendi que, nos quartos partilhados ou nos dormitórios do Caminho, com o tempo, as pessoas — nem todas, na verdade — desenvolvem capacidades desconhecidas da civilização moderna: caminhar e até respirar sem fazer barulho, abrir uma mochila sem provocar uma explosão nuclear. Passadas vinte e quatro horas, tornas-te praticamente um ninja franciscano.

Felizmente, a Katherine, do Wisconsin, já preparou o café, na cozinha comum. Está acordada há sabe-se lá quanto tempo e move-se com a eficiência sorridente de quem considera natural ajudar perfeitos desconhecidos logo de manhã cedo.

A partir desse momento, o Wisconsin passou a ocupar um lugar permanente na minha geografia sentimental, logo a seguir a Nápoles e imediatamente antes de Bruxelas.

Compro um *croissant* quente, abasteço-me de água e parto. O peregrino medieval enfrentava o Caminho com fé, cajado e espírito de sacrifício. O moderno, por sua vez, parte com cafeína, hidratos de carbono, pensos *Compeed* e um cantil de um litro que, após alguns quilómetros, parece pesar tanto quanto um minifrigorífico.

O primeiro troço é extremamente difícil: subida íngreme, nevoeiro denso, visibilidade de mal cinco metros. Penso no meu cunhado, que me convenceu a partir dos Pirenéus franceses «para admirar a paisagem», virando todos os meus planos de pernas para o ar. Mas que paisagem? Esta manhã, poderia estar nos Alpes, na Escócia, num documentário sobre a tundra islandesa: não se vê absolutamente nada!

No entanto, esta neblina tem algo de profundamente simbólico. No Caminho, tal como na vida, muitas vezes segues em frente sem ver bem para onde vais. Basta distinguires a seta amarela seguinte. O resto, por alguma razão misteriosa, surge depois.

Após seis quilómetros de subida sob uma húmida chuva miudinha, aquela chuva basca que, tecnicamente, não cai, mas que nos persegue, chego ao primeiro refúgio. Será pela fome, será pelo cansaço,

será devido a uma ligeira alteração mental causada pelo desnível, mas ali como aquela que me pareceu ser a melhor tortilha do mundo, pelo menos até àquele momento.

Em certas situações, a fronteira entre a gastronomia e a teologia torna-se bastante ténue. Acredito sinceramente que Deus se manifesta também através das batatas, dos ovos e do azeite espanhol.

Ainda no refúgio, ouço as pessoas a falar em voz baixa sobre um peregrino coreano que, pouco antes, se sentiu mal ao longo do percurso e caiu no chão. Mais tarde, fico a saber que ele morreu. E ali penso: «Começamos bem! Michele, tenta não ter o mesmo fim!», porque chegar ao paraíso antes de chegar a Santiago não era propriamente o que eu tinha em mente.

Percebo logo que o Caminho não é um passeio folclórico com mochila e concha, mas um lugar onde a vida, o cansaço, a fragilidade e até a morte caminham em conjunto, muitas vezes a poucos metros de distância.

Ao longo do percurso, encontro duas mulheres inglesas, muito simpáticas e faladoras: a Rachel e a Susanne. Conhecem-se há anos e isso nota-se. Completam as frases uma da outra, falam sobre qualquer assunto com aparente seriedade e,

de seguida, desatam a rir por motivos que muitas vezes escapam a quem não é britânico.

Passados poucos minutos, já estamos a conversar como velhos amigos, embora eu continue a fingir que compreendo o sotaque delas e elas o meu.

No caminho para Santiago, acontece um fenómeno muito estranho, uma espécie de milagre social: pessoas que, na vida normal, nem sequer diriam o seu código postal, após meia hora de subida, partilham divórcios, medos, crises existenciais, doenças, problemas com o pai, sonhos por realizar e, por vezes, até detalhes intestinais que ninguém tinha indagado.

Talvez porque, quando se caminha durante horas, sem ecrãs e sem ter de fingir constantemente que se está muito bem, as defesas acabam por baixar.

Também converso com o Thomas, esloveno, que está a fazer o Caminho com a mulher, o cunhado e o sogro para honrar a memória da sogra, falecida há poucos meses, que desejava percorrê-lo.

Enquanto conta a história deles, não há tristeza nas suas palavras, mas denoto uma forma de amor obstinado que persiste mesmo após a morte.

Alguns caminham à procura de algo, outros para agradecer, outros ainda para levar consigo quem já não pode caminhar.

E, de repente, percebes que nas mochilas não há apenas cantis e roupa técnica: há lutos, amores, medos, cansaço e esperanças.

Depois de ultrapassar os primeiros quinze quilómetros e chegar finalmente ao cume, a mais de 1400 metros de altitude, dou por mim praticamente acima das nuvens. O céu está agora de um azul quase irreal, as montanhas à volta são verdejantes e, por baixo de nós, abre-se uma extensão branca de nuvens que parece o chão macio de um mundo suspenso. Durante alguns minutos, ninguém fala realmente: nós, peregrinos, limitamo-nos a contemplar tanta beleza.

Depois, um jovem casal inglês exclama em voz alta exatamente o que todos nós estamos, na verdade, a pensar:
— *This is what we came for*![1].

E têm razão. Porque, em certos momentos, o Caminho deixa de ser esforço, suor e subidas extenuantes, e torna-se subitamente algo muito mais simples: estar ali, acima das nuvens, com a sensação raríssima de estar exatamente no lugar certo.

Faço o último troço com a Alyson, canadiana.

[1] N.T: Foi por isto que viemos!

Ao descer o vale, continuo a mostrar-lhe as giestas nas margens do trilho, com o entusiasmo de um professor substituto de literatura italiana numa visita de estudo.
— Olha que maravilha — digo-lhe. — As giestas! Um poeta italiano, Leopardi, dedicou um poema lindíssimo a esta planta. Símbolo da dignidade humana perante a natureza, da solidariedade entre os homens, da fragilidade da existência…

Ela observa o arbusto durante alguns segundos e depois, com a serenidade científica de quem destrói um momento poético sem qualquer esforço, responde-me:
— Ah, sim? No Canadá, porém, é considerada uma erva daninha.

A visão das giestas do Vesúvio parte-se em mil pedaços diante dos meus olhos, como um vidro de janela atingido por uma bola.

E assim, no espaço de cinco segundos, Leopardi passa do infinito à desinfestação ambiental.

Após alguns minutos de caminhada, já sentimos alguma confiança e ela conta-me, com resignação e uma certa serenidade, que, na véspera da partida, o médico lhe tinha comunicado que, devido a um glaucoma, dentro de alguns anos perderia a visão.

Sinto vontade de a abraçar e de a consolar.

É incrível como dois desconhecidos, com a mochila às costas e a respirar com dificuldade, possam tornar-se,

por um momento de caminho, quase indispensáveis um para o outro. Estou convencido de que todos, no fundo, carregam uma mochila invisível para além da que têm às costas. E quando se encontra alguém que está a percorrer o mesmo caminho, é natural partilhar um pouco desse peso. Nem sempre para procurar soluções. Muitas vezes, basta simplesmente saber que alguém nos escuta.

Afinal, o Caminho não se cinge aos seus 779 quilómetros, sendo sobretudo composto pelas pessoas com as suas histórias, as suas fragilidades e as razões — muitas vezes silenciadas ou apenas timidamente esboçadas — que as puseram a caminhar. E posso garantir que quase todos aqueles que se encontram aqui são mais profundos do que parecem nos primeiros cinco minutos. Estão marcados pela vida ou são simplesmente portadores das suas próprias fraquezas, mas são muito mais humanos do que o mundo moderno me permitiu ver e experimentar.

Após nove horas de caminho a subir os Pirenéus, Roncesvalles surge de repente no meio de uma natureza exuberante, como uma visão concedida aos sobreviventes.

Foi aqui que o paladino Rolando morreu, lutando heroicamente contra inimigos infinitamente superiores. Eu, por outro lado, estou a lutar contra dores musculares, um joelho que me dá problemas

e uma coluna que se faz sentir. Cada época tem os seus heróis.

A receber-nos estão os *hospitaleros*, todos holandeses. Uma senhora muito simpática explica-me que pertencem à Ordem de Santiago nos Países Baixos e que vêm até aqui para servir os peregrinos.

Impressiona-me a naturalidade com que pronuncia essa palavra: servir. Na linguagem moderna, ela quase desapareceu, substituída por termos mais elegantes como desempenho, eficiência, liderança ou *networking*.

No entanto, estas pessoas atravessaram a Europa para dedicar algumas semanas da sua vida a ajudar perfeitos desconhecidos.

Num mundo que tende a premiar a rapidez, o egoísmo e a competição em prol do mero lucro, encontrar pessoas que dedicam o seu tempo a acolher viajantes tem algo de quase revolucionário.

A Rachel e a Susanne, que chegaram antes de mim, até me reservaram uma cama. Fico agradavelmente surpreendido pelo facto de, no Caminho, pessoas desconhecidas cuidarem de ti com uma naturalidade que, na vida quotidiana, nos levaria imediatamente a pensar que se tratasse de uma falcatrua.

Durmo num grande dormitório com vinte e oito pessoas que, a julgar pelas caras, parecem partilhar o mesmo pensamento: «Esperemos que ninguém ressone, cheire mal ou acenda a luz às três da manhã à procura das meias. E, acima de tudo, espero não ser eu quem ressone, cheire mal ou ande à procura de meias.»

O banho revela-se quase uma experiência espiritual. Talvez a melhor da minha vida recente. Depois de certos dias, a água quente já não é apenas higiene: é misericórdia divina líquida.

Nós, peregrinos, vamos jantar todos juntos em torno de mesas redondas, dando vida a uma pequena comunidade provisória. Amanhã, talvez muitos desapareçam, seguindo para a frente ou para trás ao longo do Caminho, e talvez eu nunca mais os volte a ver. Mas, esta noite, estamos aqui, em Roncesvalles, vivos, cansados, limpos da lama acumulada ao longo do caminho e incrivelmente felizes por estarmos aqui.

Ainda não me parece real e, quase como para me dar coragem perante os mais de 740 quilómetros que faltam, repito para mim mesmo: «Um passo de cada vez, Michele!»

O que não é apenas uma forma de caminhar. É também uma forma de sobreviver às subidas e, talvez, no fundo, até à própria vida.



Nos Pirenéus, a caminho de Roncesvalles,
acima das nuvens…
«This is what we came for!»

Segunda-feira, 27 de abril: «Eu, na dúvida, como»…

Às seis da manhã, de repente, com a delicadeza de um tanque, um *hospitalero* acende todas as luzes do dormitório. Nenhum «bom dia», nenhum despertar terno e afetuoso para os peregrinos cansados, apenas a certeza de que, a partir de agora, não és tu a decidir quando acordar.

A noite, aliás, já foi uma experiência mais do que suficiente. Acima de mim, no beliche, dormiu — ou talvez tenha lutado contra os seus próprios demónios interiores — um japonês de idade indecifrável: tanto poderia ter dezoito como trinta e oito anos, ou até ser imortal.

Simpático, silencioso quando acordado, mas capaz, durante o sono, de transformar a cama numa zona de forte intensidade sísmica. Cada movimento produziu ondas de choque que percorreram a estrutura metálica até às minhas vértebras. A isso juntaram-se roncos e traques, numa sinfonia noturna que alternou sopros e percussões com um rigor rítmico surpreendente.

Com o pudor de quem teme a verdade, perguntei à Rachel e à Susanne se eu também tinha ressonado. Elas olharam para mim com aquela piedade reservada

aos culpados inconscientes, respondendo:

— *Of course!*[2]

Assim, em poucos segundos, a última defesa do ego desmoronou-se. No Caminho, descobre-se rapidamente que ninguém é o herói da sua própria narrativa noturna.

Preparamo-nos para partir. Depois da passagem de Roncesvalles, tudo parece mais simples. Quando se supera uma subida a sério, até a vida, por alguns quilómetros, parece razoável.

De repente, ouço alguém a chamar por mim. É o Simone, o rapaz que na noite anterior se sentou por último à nossa mesa, durante o jantar. Tinha falado pouco, com o rosto fechado e cansado. Mas, de manhã, vejo-o completamente transformado: sorriso aberto, olhos vivos, passo ligeiro. O Caminho também faz estes pequenos milagres: à noite destrói, de manhã devolve.

Continuamos alegres até pararmos para um café e uma tortilha, escolha que, no início do Caminho, me pareceu logo questionável nas primeiras horas do dia, mas aceitável segundo o direito consuetudinário do peregrino. Pouco depois, aproximam-se a Annamaria e a Lucia, de Nápoles, e o Giuseppe, que vive há anos em Roma.

[2] N.T.: Claro!

Continuamos juntos.

O Giuseppe já percorreu o Caminho Português e o Caminho Inglês até Finisterra.

Conta-me de paisagens extraordinárias, amizades que nasceram em poucas horas e coincidências que parecem saídas de um romance. Ouço-o fascinado, embora, naquele momento, o meu horizonte espiritual seja bastante limitado: conseguir chegar à próxima etapa sem precisar da intervenção do helicóptero.

Forma-se assim um grupo espontâneo, como raramente acontece na vida quotidiana, mas sim continuamente no Caminho: pessoas que, noutro lugar, talvez nunca se tivessem cruzado, unidas ali por calçado empoeirado e um destino comum.

Caminhamos pelo verdejante País Basco, por trilhos ora largos, ora estreitos, que serpenteiam por entre bosques, prados e colinas. O ar cheira a erva molhada e terra. Conversamos longamente, acompanhados pelo ruído dos nossos passos e por aquele silêncio reconfortante que não exige ser preenchido continuamente com palavras.

Depois, a conversa chega inevitavelmente ao seu ponto alto: o jantar do peregrino da noite anterior, em que a massa, para usar um eufemismo, estava muito longe

da nobre tradição mediterrânica. Mas a fome, como se sabe, é o melhor cozinheiro do mundo.

Confesso então que, não confiando no menu do peregrino, tinha prudentemente comido antes no café: *croquetas de jamón*, anchovas e calamares fritos. Uma estratégia preventiva que suscitou quase respeito nos meus companheiros de caminho.

Foi então que o Simone declarou solenemente que, apesar de hesitante e desconfiado perante aquele prato de massa de consistência juridicamente indefinível, disse a si mesmo:
— Eu, na dúvida, como.

E, nessas quatro palavras, reside, talvez, toda uma filosofia. Não só do Caminho, mas da própria existência. Perante a incerteza, alguns hesitam, outros refletem, outros fogem. E depois, há aqueles como o Simone, que consideram a dúvida não um obstáculo, mas uma entrada.

Continuamos até Zubiri, cujo nome em basco significa «aldeia da ponte». Após um longo dia de caminhada, porém, a ponte passa quase para segundo plano: o que o peregrino procura realmente é uma cama, um duche e a perspetiva reconfortante de não ter de caminhar durante algumas horas.

No Caminho, existem poucas alegrias tão puras e imediatas como ouvir dizer: «*sí, hay cama*». Nenhuma poesia supera, em certos momentos, a disponibilidade de um colchão.

O albergue que nos acolhe é espartano, mas digno, com uma arquitetura típica das peregrinações: paredes finas, camas que rangem com sinceridade e casas de banho onde a água passa, sem qualquer aviso, do gelo ao inferno, transformando cada duche numa experiência penitencial extrema, expiando de repente todos os pecados.

A Annamaria e a Lucia, porém, já tinham prudentemente reservado noutro local. São mulheres previdentes, uma qualidade que distingue os sábios dos improvisadores. Eu, o Giuseppe e o Simone, por outro lado, pertencemos à escola do «vamos ver o que acontece», uma abordagem cientificamente questionável, mas estatisticamente eficaz, suspensa entre a confiança na Providência e a inconsciência penalmente relevante.

Antes do jantar, saio para comprar na farmácia um pouco de vaselina para aliviar as zonas irritadas pelo atrito da pele. Todos me tinham alertado para as bolhas, mas ninguém para a irritação da pele. Após apenas dois dias de viagem, descubro que o peregrino contemporâneo quase nunca fala de fé, filosofia, arte ou ética, mas exclusivamente de pés, tendinites,

meias técnicas, pomadas e pensos: o Caminho é, provavelmente, o único lugar no mundo onde os companheiros de viagem podem observar os teus pés com a concentração e o profissionalismo de uma equipa médica.

Na farmácia, encontro uma fila silenciosa de peregrinos a coxear que parecem antigos combatentes. Cada um mostra a sua ferida com o orgulho de um veterano. Um alemão descreve uma bolha do tamanho de uma moeda de dois euros, enquanto um australiano levanta o pé sobre o balcão com uma naturalidade que teria traumatizado qualquer cliente normal.

A farmacêutica, por seu lado, trabalha com a calma experiente de quem já viu de tudo: infeções, dramas podológicos, crises existenciais e, provavelmente, até alguma amputação simbólica.

O jantar estava marcado para as seis da tarde no único restaurante aberto na aldeia, uma vez que, às sete e meia, um táxi viria buscar as nossas duas amigas. Para mim, que vivo há trinta e três anos na Bélgica, as seis representam um horário perfeitamente normal, quase institucional. Em certos contextos do Norte da Europa, se a essa hora ainda não tiveres comido, os teus familiares pensam que estás desaparecido.

Para os meus novos amigos italianos, por outro lado, esse horário tem o sabor de uma medida de precaução. Giuseppe olha fixamente para o relógio como se estivesse a olhar para uma sentença injusta. Dentro dele, provavelmente ainda é hora do aperitivo.

Temos de esperar bastante, porque há apenas uma pobre rapariga a anotar os pedidos e a servir, contra cerca de quarenta peregrinos cansados, suados e famintos, com um olhar cada vez menos cristão e pouco adequado à espiritualidade e à disponibilidade ditadas pelo Caminho.

Quando finalmente chega o pão, devoramo-lo com uma rapidez tal que dá a entender que nenhum de nós vê hidratos de carbono há séculos.

A empregada pergunta-nos se queremos o menu do peregrino, num tom que sugere uma escolha moral. Nenhum de nós se atreveu a pedir outra coisa. O menu do peregrino não se recusa. É uma espécie de sacramento laico.

Quando a Annamaria e a Lucia partem, sentam-se à nossa mesa três mulheres brasileiras que o Giuseppe conhecera no dia anterior.

Observo-as com a certeza de quem está prestes a cometer um erro.

Pela aparência, parecem-me uma avó, uma mãe e uma filha: três gerações, três sorrisos, três rostos unidos por algo que eu imaginava ser o laço de sangue e que, na verdade, é apenas o acaso.

Dirigindo-me à mais jovem, que descubro ter vinte e dois anos e uma beleza radiante, exclamo com entusiasmo inocente e imprudente:
— Que bom que vieram as três: avó, mãe e filha!

Segue-se um silêncio imediato, daqueles que chegam sem fazer barulho, mas causam danos enormes.

A rapariga olha para mim. A mulher que, provavelmente por causa dos cabelos brancos, eu tinha promovido ao estatuto de avó, observa-me melhor. Depois, vem a resposta:
— Mas que avó? Ela é amiga da minha mãe!

Desejo desaparecer. Não metaforicamente: dissolver-me mesmo no ar, como pó num caminho.

Há erros que se podem corrigir, enquanto outros exigem uma nova identidade e a mudança para outro continente.

O Giuseppe e o Simone, em vez de me ajudarem, baixam lentamente o olhar para o prato, fingindo, de repente, um interesse científico pelas batatas fritas. Deixam-me sozinho perante uma gafe horrível e imperdoável.

Tento um sorriso diplomático, mas o meu rosto já me trai. Descubro assim que o Caminho forja a alma, fortalece o corpo e, ocasionalmente, destrói a reputação pessoal e intelectual em menos de dez segundos.

A partir desse momento, falo pouco e como muito. Afinal, quando se perde a dignidade, pelo menos ainda se pode pedir a sobremesa, sempre e rigorosamente incluída no menu do peregrino.

Terça-feira, 28 de abril: rumo a Pamplona — peregrinos em quatro estrelas

Acordamos cedo, enquanto na cozinha os peregrinos asiáticos já estão a preparar *noodles* fumegantes. Admiro sinceramente quem consegue cozinhar algo elaborado antes das sete da manhã. Eu, a essa hora, ainda estou a tentar lembrar-me do meu nome e da minha localização geográfica.

Reunimo-nos todos na *panadería* de Zubiri, diante de um *cappuccino* e um *croissant*, com aquela convicção ingénua típica dos peregrinos matinais: hoje vamos chegar tranquilamente a Pamplona.

As padarias ao longo do Caminho são muito mais do que simples fornos. Para o peregrino, representam uma espécie de primeiros socorros espirituais: locais onde se recuperam calorias, otimismo e confiança nas próprias capacidades motoras, também porque o aroma do pão acabado de sair do forno possui propriedades terapêuticas.

É claro que ninguém pensa ainda no cansaço, nas subidas ou no peso da mochila, que aumenta

misteriosamente a cada dia, como se, durante a noite, alguém nos enfiasse tijolos lá dentro.

O percurso é magnífico. Atravessamos bosques de faias e carvalhos, acompanhados pelo murmúrio da água que corre por rios e ribeiros dignos de um postal, com cavalos elegantíssimos, como os de um torneio equestre, e vacas plácidas e cabras que nos observam em silêncio, com aquele olhar antigo e ligeiramente crítico que os animais reservam aos seres humanos quando estes se lançam em empreitadas difíceis sem uma razão evidente. Nós, por outro lado, estamos alegres. Após apenas alguns dias de Caminho, desenvolve-se uma forma particular de euforia coletiva: dorme-se mal, caminha-se demais, tem-se dores por todo o lado… e, no entanto, estamos felizes.

Eu, naturalmente, depressa entro na minha fase de «criança numa visita de estudo». Paro e pergunto a qualquer pessoa com um entusiasmo patológico: —*Where are you from*?[3]

Literalmente, de todas as partes do mundo: Austrália, Brasil, Canadá, Alemanha, sendo que o que mais me causa surpresa é o número impressionante de asiáticos. Durante horas, não paro de pensar: «Mas quantos é que há no Caminho?»

Depois, aos poucos, percebo que são quase todos sul-coreanos. E começo a perguntar-me porquê.

[3] N.T.: De onde vem?

Será que existe um gigantesco acordo secreto entre Seul e Santiago de Compostela? Uma viagem escolar nacional? Um plano de expansão espiritual coreano?

Mais tarde, venho a descobrir que a explicação é muito menos conspiratória: na Coreia do Sul, o Caminho tornou-se quase um fenómeno cultural. Livros, documentários, programas de televisão e uma forte tradição de busca interior transformaram Santiago num destino muito conhecido.

Atravessamos burgos esplêndidos, onde cada peregrino realiza sempre o mesmo ritual: entrar «só para tomar um café» e sair — pelo menos eu — quarenta minutos depois com tortilha, sumo de laranja, *pan y tomate* e um carimbo na credencial.

Quando, finalmente, chegamos a Pamplona, tiramos imediatamente as fotos da praxe, como verdadeiros profissionais da peregrinação internacional: bastões bem visíveis, fisicamente exaustos, mas, naturalmente, com o sorriso dos sobreviventes.

Pamplona não me é totalmente nova. Já a tinha visitado anos antes e reencontro-a exatamente como me lembrava: cheia de vida, alegre, elegante sem ser

pretensiosa. A *Plaza Consistorial* impressiona-me mais uma vez, dominada pelo esplêndido *Ayuntamiento*, a Câmara Municipal, com a sua fachada barroca rica em decorações, as varandas em ferro forjado e as bandeiras que ondulam sobre a entrada. É um daqueles edifícios que conseguem ser solenes sem parecerem frios.

Dito isto, após três dias de Caminho, tenho de admitir que a minha atenção é captada sobretudo pela invulgar concentração de centros de massagens para peregrinos. Evidentemente, alguém em Pamplona percebeu que, após vinte ou trinta quilómetros a pé, um cartaz com a inscrição «massagem aos pés» exerce sobre o peregrino comum um fascínio ainda maior do que o de um monumento histórico do século XVII.

O destino decide então recompensar-nos. Encontro uma oferta fantástica no Booking e eu e o Simone partilhamos um quarto num hotel de quatro estrelas.

Entramos no *hall* a arrastar as mochilas, vestidos como peregrinos medievais pobres e maltrapilhos: botas enlameadas, chapéus suados, bastões de caminhada, um cheiro misto de cansaço, sol e dignidade comprometida.

À nossa frente, turistas muito elegantes fazem o *check-in*, conversando em voz baixa.

Nós, por outro lado, parecemos dois membros de uma expedição humanitária que mal conseguiram sobreviver.

Ainda me lembro do contraste entre o perfume sofisticado da receção e aquele que pairava à nossa volta, uma fragrância que poderíamos definir como «*Eau de Camino Intense*».

A rececionista, com um profissionalismo impressionante e certamente habituada a ver e a calar-se, nem pestanejou.

Entramos no quarto e ali acontece o milagre: a banheira, branca, aos meus olhos imensa e brilhante.

Depois do duche partilhado no último albergue, com botões misteriosos e água que passava do congelamento criogénico à erupção vulcânica sem aviso prévio, aquela banheira pareceu-me uma dádiva de Deus.

Atirei-me para dentro dela com o entusiasmo de um hipopótamo migrante.

Fiquei imerso durante quase duas horas. A certa altura, acho que adormeci. Se o Simone não tivesse vindo verificar se eu ainda estava vivo, provavelmente
ter-me-iam encontrado no dia seguinte ainda ali, transformado numa espécie de peregrino cozido.

Depois de levarmos a roupa a uma lavandaria automática, à noite juntámo-nos à Annamaria, à Lucia e ao Giuseppe no centro e decidimos celebrar dignamente o dia com o famosíssimo *chuletón*, o grande bife espanhol.

E também aí emergem imediatamente duas filosofias de vida incompatíveis.

De um lado, a Lucia e o Giuseppe: «Bem passado». Do outro, eu, a Annamaria e o Simone: «Mal passado».

Praticamente duas civilizações que se olhavam sem se compreenderem. Mas o Caminho ensina tolerância, inclusive gastronómica.

Terminamos a noite a beber uma cerveja. O Giuseppe despede-se de nós, pois no dia seguinte vai prosseguir sozinho para mais uma etapa do Caminho.

E assim os caminhos separam-se novamente, com aquela naturalidade que só o Caminho ensina: tudo intenso, nada definitivo.



Juntos em Pamplona: cansados, mas felizes.

Quarta-feira, 29 de abril: Buda e o «passo merenda»

Acordamos ao amanhecer ou, melhor dizendo, o meu corpo acorda, enquanto o cérebro não quer saber de começar a funcionar. O objetivo é partir cedo, como os peregrinos a sério. Aqueles disciplinados, espirituais, de preferência já banhados.

A verdade é que eu e o Simone arrastamo-nos até uma *panadería* com o ar de dois veteranos napoleónicos, em busca de um *cappuccino* e de açúcares simples como única forma de salvação humana.

Deixamos Pamplona ainda adormecida, elegante e alheia ao facto de que dois homens com bastões de caminhada barulhentos estão a tentar atravessar Navarra a pé por razões que nem eles próprios compreendem ainda totalmente.

Passamos pela *Universidad de Navarra* e eu abrando imediatamente.

As universidades têm um efeito inexplicável sobre mim: poderia perder-me durante horas a ler quadros de avisos com anúncios do tipo «Seminário sobre os direitos e deveres do peregrino entre os séculos XII e XIII».

O Simone, já habituado às minhas divagações académicas, alcança-me com a paciência de um treinador de cães.

Recolhemos o fatídico «*sello*», um gesto já ritual que realizamos com a seriedade de funcionários do Vaticano a carimbar indulgências, e retomamos a caminhada ao famoso «passo merenda», uma categoria filosófica repetida várias vezes por Simone: um ritmo lento mas constante, estruturado em torno da possibilidade concreta de comer nos próximos quarenta e cinco minutos.

A Navarra à nossa frente é magnífica. Percorremos longos trilhos perfeitos, no meio de mil nuances de verde: como é bonito o trigo quando está verde! Uma natureza tão exuberante que, por alguns minutos, chego mesmo a esquecer o peso da mochila.

Depois, porém, a mochila faz-me lembrar-me dela.

Primeira paragem em San Miguel, uma pequena ermida, silenciosa e acolhedora.

Daquelas que nos dão espontaneamente vontade de refletir sobre a vida, sobre o tempo que passa, sobre a espiritualidade, ou simplesmente de nos sentarmos cinco minutos a fingir que é contemplação mística e não cansaço.

A subida até ao *Alto del Perdón* é longa, ventosa e pedagógica, no sentido em que ensina humildade.

O vento atinge-nos com tal violência que, a certa altura, deixo de caminhar e começo simplesmente a negociar com a atmosfera.

À nossa volta, peregrinos de todas as nacionalidades avançam curvados, como figurantes de um documentário de aventura da BBC.

Quando chegamos ao topo, porém, acontece algo difícil de explicar.

A vista é imensa. O céu parece maior do que o normal. O silêncio tem um peso específico diferente.

Eu sorrio como um idiota contemplativo. O Simone, por sua vez, alguns metros à minha frente, fica comovido...

E é aí que percebes que o Caminho tem essa capacidade um pouco desleal de abrir as gavetas interiores que mantinhas fechadas há anos, talvez cobertas pelo trabalho, por pequenos traumas e preocupações.

Claro que, logo a seguir a este momento espiritual tão elevado, tiramos pelo menos trinta fotos ao

monumento do peregrino, à procura do ângulo heroico que esconda o rosto devastado pelo cansaço.

A vaidade sobrevive a tudo. Mesmo quando já atravessaste as suaves colinas de Navarra, mas pareces já ter regressado de uma expedição em alta montanha que correu mal.

Depois, não muito longe, do outro lado da estrada, quase escondido dos peregrinos, reparei num memorial dedicado às vítimas da Guerra Civil Espanhola: noventa e dois nomes.

O mais novo tinha dezassete anos. Meu Deus, dezassete anos: poderia ter sido o meu filho!

E, de repente, tudo muda de tom. Até o vento parece diferente.

Durante alguns minutos, fico em silêncio.

O Caminho também faz isto: leva-nos da leveza à memória dolorosa sem nos avisar.

Retomamos a caminhada um pouco mais cansados e talvez um pouco mais conscientes do território e da sua história.

Aos poucos, a vida volta a fluir. Os prados voltam a ficar verdes, os mosteiros românicos reaparecem

repentinamente e, acima de tudo, regressa uma pergunta fundamental que une todos os peregrinos do planeta: «Mas, na tua opinião, quanto falta até ao próximo café?»

Chegamos a Puente la Reina sob uma chuva miudinha, daquelas que não molham a sério, mas que, mesmo assim, te convencem de que estás num filme de autor espanhol.

Entramos no albergue e somos recebidos por uma estátua gigantesca de… Buda. E é aqui que o Caminho decide definitivamente não ter qualquer coerência narrativa.

Durante dias, encontras cruzes, mosteiros, citações de santos, peregrinos místicos, orações medievais.

Finalmente, chegas exausto ao albergue e, de repente, deparas-te com a iluminação zen. Pois…

Talvez seja uma mensagem universal de paz ou talvez o proprietário tenha feito uma viagem a Bali e nunca mais tenha recuperado.

Seja como for, após mais de vinte quilómetros, eu e os meus amigos desenvolvemos uma espiritualidade extremamente inclusiva: qualquer religião que garanta uma cama, um duche e, se possível, uma máquina de lavar roupa, ganha imediatamente o nosso respeito teológico.



O *Alto del Perdón*

Quinta-feira, 30 de abril: entre a cevada e o trigo, igrejas e roupa estendida

Acordar tarde: daqueles momentos em que nos sentimos um pouco culpados, mas inevitáveis depois de uma noite sem dormir. O corpo cobra o seu preço, e o Caminho, que também ensina disciplina, de vez em quando lembra-nos que somos humanos.

O dia, porém, começa bem. Aliás, muito bem: pequeno-almoço num café no centro de Puente la Reina. Um daqueles simples e saborosos, com o ruído de fundo certo, alguns peregrinos sonolentos e aquela atmosfera suspensa entre o sagrado e o quotidiano que só o Caminho de Santiago sabe criar.

E, depois, surge a piada brincalhona e desarmante de um cliente do café:

— Não tinhas igrejas suficientes para visitar em Itália?

De facto, dito assim, a escolha de atravessar meia Europa para ver outras igrejas pode parecer discutível. Mas aqui não se trata de «outras igrejas».

Aqui, cada igreja faz parte da paisagem, quase uma extensão natural das colinas.

Porque Navarra é isto: uma sucessão de verde. Não um verde único, mas uma escala cromática que se intensifica passo a passo, como se alguém estivesse lentamente a aumentar a saturação do mundo.

No início, nem consigo perceber de onde vem toda essa variedade de matizes. Limito-me a contemplar a paisagem e a pensar que é extraordinariamente bela. A explicação é-me dada alguns quilómetros mais à frente por uma senhora italiana que gere um pequeno café ao longo do Caminho.

É casada com um espanhol que conheceu precisamente durante uma peregrinação anterior e acolhe os viajantes com aquela gentileza simples que parece ser uma das especialidades locais.

Quando entro, dirijo-me a ela instintivamente tratando-a por «você». Ela, por sua vez, responde-me tratando-me por «tu» e quase pede desculpa:
— No Caminho, somos todos peregrinos. Aqui, tratamo-nos todos por «tu».

É uma frase simples e impressiona-me precisamente por isso.

É ela, depois, que me aponta os campos que se estendem por toda a volta. Explica-me que o trigo tem um verde mais escuro, enquanto a cevada tende para um verde mais claro. A partir desse momento, já não consigo deixar de reparar nisso.

E não há apenas o verde. Aqui e ali, surgem manchas amarelas de colza em flor, tão intensas que parecem iluminadas por dentro, e as papoilas vermelhas que pontuam as margens dos campos como pinceladas deixadas por um pintor impressionista. Agitados pelo vento, o verde do trigo, o verde mais claro da cevada, o amarelo da colza e o vermelho das papoilas perseguem-se e misturam-se numa paisagem que muda de aspeto a cada rajada.

Atravessamos aldeias, uma após a outra. Todas diferentes, todas iguais.

Todas com a sua igreja — românica, sóbria, perfeitamente integrada no contexto — e todas com aquela sensação de harmonia que não se pode projetar numa prancheta.

Há um momento em que até deixas de comparar: já não procuras «a mais bonita», porque cada aldeia é uma vencedora por si só. E depois, de repente, eles: tantos peregrinos, vindos de todos os cantos do mundo.

E, assim, dás por ti ali, num pequeno vilarejo de Navarra, rodeado por línguas que não compreendes, mas por uma intenção que reconheces perfeitamente.

Cada um caminha pelas suas razões e carrega um fardo diferente.

Cada um procura algo ou tenta deixar algo para trás.

E tu, no meio de tudo isto, apercebes-te de que talvez a piada da manhã fosse apenas parcialmente verdadeira: não estás ali para ver mais igrejas. Estás ali para percorrer, juntamente com perfeitos desconhecidos, um troço de caminho que, por alguma razão difícil de explicar, acaba por se assemelhar a ti.

E, precisamente quando as pernas começam a dar sinais de cansaço e a cabeça se esvazia de pensamentos inúteis, lá vem ela, finalmente: Estella.

Uma povoação encantadora, daquelas que dispensam apresentações. Revela-se pouco a pouco, entre pedras, pontes e recantos que parecem ter sido desenhados por um arquiteto particularmente inspirado, mas que, na realidade, são simplesmente o resultado de alguns séculos de história bem preservada. Tem algo de elegante, mas sem esforço, como se a beleza aqui fosse a normalidade.

O rio Ega atravessa a cidade com calma, as antigas pontes de pedra ligam bairros que parecem saídos de um livro ilustrado sobre a Idade Média e, por todo o lado, encontram-se igrejas, palácios nobres e fachadas antigas. A igreja de *San Pedro de la Rúa* domina lá do alto, com a sua famosa escadaria monumental que suscita em cada peregrino o mesmo pensamento: «Tenho mesmo de subir também esta?».

Um pouco mais à frente, o *Palacio de los Reis de Navarra* exibe com orgulho a sua elegante fachada românica, enquanto eu mostro, com igual orgulho, os primeiros sinais evidentes de cansaço.

Durante alguns minutos, consigo até comportar-me como um turista culto e interessado no património histórico. Depois, vejo um café, uma cadeira livre e um menu do peregrino, e cada um regressa naturalmente às suas prioridades.

Eu, a Annamaria e a Lucia partilhamos um apartamento em pleno centro do povoado e logo nos preocupamos em lavar a roupa e estendê-la, com algum desconforto, na varanda, e parece que estamos a rever aquelas fotografias de roupa estendida nas varandas das ruelas de Nápoles.

Encontramo-nos novamente com o Simone mais tarde e descansamos na praça do vilarejo, confusos e felizes, entre peregrinos e gente local.

Sexta-feira, 1 de maio: água e vinho e o holandês que encontrou o amor (e um café) no Caminho

Deixar Estella pela manhã tem algo de solene, quase teatral. Como qualquer partida que se preze, também esta é acompanhada por pequenos rituais: recolher a roupa estendida com confiança na varanda no dia anterior, fechar a mochila com aquela vaga sensação de ter esquecido algo que, no entanto, tal como se descobrirá, não era assim tão essencial.

O banho é duplo. Não por luxo, mas por necessidade existencial: o primeiro para me lavar, o segundo para me convencer de que estou mesmo acordado. E, enquanto o peregrino comum já está a caminho há horas, eu consigo perder-me logo após alguns passos. Um talento natural.

Os meus amigos já partiram. Já são quase nove horas quando chego à *panadería*, onde encomendo com entusiasmo — talvez excessivo — uma quantidade de comida digna de uma expedição ao Ártico e suficiente para, pelo menos, duas pessoas, tanto que a empregada, com um olhar entre a curiosidade e a compaixão, me pergunta onde está o meu amigo...

Não tenho coragem de lhe dizer que estou simplesmente a antecipar as necessidades calóricas do dia. Deixo que ela pense num companheiro invisível.

Retomo o caminho sozinho, eu e o meu amigo fantasma.

Chego à famosa *Fuente del Vino*, junto ao antigo mosteiro de Irache, um complexo beneditino cujas origens remontam a quase mil anos e que, há séculos, oferece descanso aos viajantes a caminho de Santiago.

À esquerda, o vinho. À direita, a água. Parece mais uma escolha existencial do que logística. Afinal, não é todos os dias que se encontra uma fonte que distribui gratuitamente ambas as opções. Há anos que os peregrinos param aqui para a fotografar, brindar, encher o cantil e contar aos amigos que encontraram o único lugar no mundo onde o vinho jorra diretamente de uma parede. O vinho, claro, merece respeito. Tem também a vantagem de ser, provavelmente, a única bebida capaz de transformar um peregrino cansado num filósofo improvisado. Mas é de manhã e decido manter uma aparência de respeitabilidade, pelo menos até ao meio-dia. Deixo, portanto, o vinho para os peregrinos mais corajosos ou menos prudentes. No Caminho, a diferença entre as duas categorias nem sempre é muito clara.

A água, por outro lado, está fresquíssima. Daquelas que conseguem fazer-te reconciliar-te com o mundo num só gole. Fazem-te pensar que sim, talvez a civilização tenha nascido precisamente à volta de uma fonte como esta. E que, após alguns quilómetros de subida, até as grandes conquistas da humanidade passam para segundo plano, em comparação com um cantil cheio.



La Fuente del Vino

Continuo por entre vinhas e silêncios. Navarra revela-se com aquela calma elegante que te convida a abrandar, mesmo quando não tens qualquer intenção de o fazer.

Depois, como acontece frequentemente no Caminho, o real desliza suavemente para o surreal.

Um café minúsculo surge ao longo da estrada. Dizer «minúsculo» é pouco: é quase uma ideia de café. Lá dentro, música: *Take Me Home, Country Roads*. Duas americanas dançam lá fora como se estivessem na Virgínia Ocidental. Atrás do balcão está o René, holandês. Fez o Caminho há anos, conheceu a Elena, apaixonou-se e, com aquela lógica impecável que só o amor sabe proporcionar, decidiu deixar a sua pátria e o seu trabalho, ficar com a Elena e comprar o café.

Um daqueles personagens que o Caminho não só te faz encontrar, mas te apresenta como prova viva de que existem infinitas possibilidades de mudar de vida, desde que se esteja disposto a perder um pouco a cabeça.

Mantenho-me em contacto com os meus amigos, que já estão muito mais à frente, e, entretanto, encontro um peregrino dinamarquês, o Oliver. Está sentado numa cadeira de plástico, imóvel, majestoso, extasiado debaixo de uma árvore, com o ar de quem governa um reino invisível feito de extensões de campos verdes de trigo, cevada, colza e papoilas. Não sei há quanto tempo ele está ali, mas tenho a sensação de que faz parte integrante da paisagem. Mais um personagem.

Em Los Arcos, reencontro a Lúcia e a Maria. Tomamos uma bebida juntos e despedimo-nos com afeto. Decido seguir em direção a Sansol.

Já é noite. O Caminho ao crepúsculo tem uma beleza diferente — mais íntima, mais silenciosa, quase cúmplice. Mas Sansol está cheia. Não há lugar. O peregrino aprende depressa que a poesia tem sempre um preço prático.

Duas meninas, muito queridas, indicam-me o caminho para Torres del Río. Falam um espanhol tão musical que, por um instante, esqueço o cansaço.

Encontro o último lugar disponível num dormitório. Ao jantar, espera-me uma sopa de grão-de-bico e carne: substância e pura felicidade. Trinta e quatro quilómetros nas costas: deito-me feliz na cama, sem cerimónias.



Uterga: entre campos de colza, trigo e cevada

Sábado, 2 de maio: Viana, Logroño, a chuva e os Erasmus do destino

Partida cedo, às sete, de Torres del Río. Primeira paragem obrigatória: um excelente *café con leche* acompanhado por uma deliciosa «napolitana» — assim chamam, para minha agradável surpresa, a um brioche de chocolate —, ou seja, a forma perfeita de começar o dia.

Ao longo do Caminho, encontro um jovem peregrino coreano que, com grande gentileza, me oferece uvas. Pergunto-lhe por que razão há tantos coreanos, mesmo de idade avançada, a caminho de Santiago. Ele responde-me, sorrindo, que talvez seja porque adoram viajar e fazer caminhadas. Uma resposta simples, mas que encerra um mundo. Descubro assim que o Caminho tem também uma dimensão moderna laica, turística e desportiva.

Após cerca de doze quilómetros, chego a Viana, onde sou recebido por uma esplêndida catedral, que guarda o túmulo de César Bórgia, a qual não consigo visitar porque, infelizmente, está fechada para obras de restauro. Dirijo-me então ao posto de turismo, que acabara de abrir: uma senhora muito simpática recebe-me e, quando lhe digo que sou italiano, fica radiante.

Conta-me que a filha dela está a fazer o Erasmus em Roma e está entusiasmada com a cidade, com Itália e com os novos amigos de todo o mundo.

Quando me fala do Erasmus da filha, abre-se uma porta dentro de mim. Porque também eu, no fundo, fui e continuo a ser um Erasmus para toda a vida.

Não sei se todos os Erasmus são assim. Eu, certamente, era: partia sem um plano preciso, convencido de que o mundo era maior do que os meus medos e que o caminho encontraria a forma de se revelar por si só.

Graças ao Erasmus, aos vinte e dois anos, tive a oportunidade de partir do sul de Itália para Bruxelas. Era 1993 e a Faculdade de Direito da minha Universidade ainda não tinha lançado o programa. Eu, porém, tinha decidido que tinha de partir. Assim, comecei a aparecer quase todos os dias no gabinete do querido professor Spagnuolo, da Faculdade de Economia, implorando-lhe com a dignidade que ainda restava a um estudante do sul em busca da Europa:
— Professor, deixe-me ir, por favor!
Após dias, talvez semanas, de assédio burocrático, o professor olhou para mim e disse:

— Colucci, não posso deixar-te ir porque não és da minha faculdade. Mas já me estás a chatear! Esquece Londres e Barcelona, porque lá é para onde toda a gente quer ir. Duas alunas desistiram de Bruxelas. Queres ir para lá?
— Sim!

— Ótimo. Vou enviar-te para uma escola onde se fala alemão.
— Professor, mesmo que se falasse ostrogodo, deixe-me ir!

Comprei logo um dicionário intitulado «Eu falo alemão[4]», convencido de que, pelo menos nos primeiros dias, me desenrascaria com as três frases em inglês que conhecia: *«What's your name?», «Where are you from?» e «I love you»*[5]. Um arsenal linguístico limitado, mas emocionalmente ambicioso. Depois, pensava eu, em Bruxelas talvez aprendesse francês.

Ainda me lembro do primeiro dia em que me apresentei na *Erasmushogeschool* e conheci a responsável pelo programa Erasmus, que me recebeu com um grande sorriso:
— *Oh Michele, bienvenu! Parlez-vous français ou anglais*?[6]
E eu, com uma confiança suicida:
— *English!*[7]

Ela começou a falar comigo num inglês impecável. Tão impecável que eu não percebi absolutamente nada e tive uma dor de cabeça repentina e terrível. Passados alguns segundos, ela apercebeu-se da tragédia humana que tinha à sua frente e, com um admirável sentido de proteção civil, apresentou-me

[4] N.T.: no original, «Io parlo tedesco».
[5] N.T.: «Como te chamas?», «De onde vens?» e «Amo-te»
[6] N.T.: Oh, Michele, bem-vindo! Fala francês ou inglês?
[7] N.T.: Inglês!

imediatamente alguns estudantes que falavam italiano.

O programa Erasmus mudou a minha vida e a de milhões de estudantes europeus. É talvez o programa mais bonito e bem-sucedido da União Europeia: um milagre laico feito de bolsas de estudo, amizades improváveis, amores, erros gramaticais e partidas que mudam para sempre a geografia interior.

Uma vez Erasmus, Erasmus para sempre na mente e no coração!

Antes de partir novamente para a capital da Rioja, Logroño, concedo a mim mesmo um *desayuno* memorável: uma das melhores tortilhas com *morcilla* (um enchido à base de sangue de porco) que já comi.

Nos últimos quilómetros, começa a chover, mas a chegada ao centro histórico compensa tudo: é lindo e traz-me à memória quando o visitei há anos, com a minha mulher. Encontro também o mesmo bar de tapas inesquecível: impossível resistir. Peço cinco, cada uma mais saborosa do que a outra, enquanto os clientes me observam como se eu, pobre peregrino, não comesse há séculos.

Fico à espera do Simone, que ainda está à procura de alojamento, enquanto a Annamaria e a Lucia ficaram em Viana. Depois de um último café, parto sozinho em direção a Navarrete. O pé começa a doer-me e isso

preocupa-me. Atravesso, no entanto, uma reserva natural lindíssima… até que, de repente, se desencadeia um verdadeiro dilúvio.

À minha frente, um jovem peregrino francês, o Justin, pergunta-me:

— Podemos caminhar juntos, para nos fazermos companhia debaixo da chuva?

— Claro que sim.

E a sintonia é imediata. Conversamos longamente: ele é arquiteto e, antes de iniciar um novo projeto, decidiu percorrer o Caminho. Todas as noites pinta uma aguarela do local onde chegou. Acho a ideia maravilhosa. Enquanto ele produz obras de arte, eu, por outro lado, vou reunindo uma coleção discreta de igrejas românicas e pores-do-sol mal fotografados com o telemóvel. Em suma, cada um vive o Caminho com os meios que tem.

Chegamos finalmente a Navarrete completamente encharcados e separamo-nos para os respetivos albergues. Assim que entro no quarto partilhado com outros peregrinos, percebo que chega o momento mais perigoso do dia: subir para o colchão de cima do beliche sem acordar ninguém. Uma manobra que exige a agilidade de uma cabra-montês, o equilíbrio de um funâmbulo e uma pergunta que não me sai da cabeça:

quem é o génio da arquitetura moderna que projetou aqueles degraus cilíndricos do tamanho de um lápis?

Tomo um duche quente e demorado e entrego metade da mochila à senhora para lavar. Encho os sapatos com jornal — técnica de peregrino — numa tentativa desesperada de os secar numa única noite.

Estou exausto e quase nem me apetece sair para jantar, depois do almoço farto em Logroño… mas a fome leva a melhor. Saio e encontro um bar gerido pelo Antonio, um italiano que viveu no estrangeiro mais de trinta anos. Como praticamente de tudo. A conversa com ele é muito agradável: ele percorreu metade da América do Sul antes de se estabelecer aqui.

E penso que talvez o Caminho se pareça um pouco com o Erasmus: parte-se para chegar a um lugar e, em vez disso, acaba-se por conhecer pessoas que, sem darem por isso, mudam a nossa vida.



Entre um sorriso e as deliciosas tapas de Logroño

Domingo, 3 de maio: La Rioja, a reformada inglesa e o luxo absoluto de um *parador*

Dormi surpreendentemente bem no quarto partilhado.

E isso, no Caminho, já é uma notícia quase sobrenatural. Ninguém ressonou como um motor agrícola, ninguém decidiu arrumar a mochila a meio da noite e, acima de tudo, ninguém acendeu a luz às cinco da manhã com o entusiasmo de quem está convencido de que todo o dormitório deve partilhar o seu despertar.

O dia, porém, promete ser complicado. As previsões apontam para temporal a partir das treze horas e, depois das lições meteorológicas recebidas nos dias anteriores, aprendi que o céu do Caminho não faz ameaças simbólicas: quando promete chuva, quer dizer guerra.

Decido, portanto, partir cedo.

Desço para a praça ainda quase deserta, imersa naquela luz azulada do amanhecer que torna tudo mais silencioso e um pouco irreal. Há poucos peregrinos sonolentos, alguns idosos espanhóis já

perfeitamente operativos e o aroma irresistível do pão quente que sai das *panaderías*. Esse aroma exerce algo profundamente insano na dieta: atrai peregrinos cansados a centenas de metros de distância, como uma sereia homérica especializada em hidratos de carbono.

Entro e compro um *croissant*, doces locais e, provavelmente, uma quantidade de açúcar suficiente para sustentar um pequeno exército medieval. Depois, dirijo-me ao café para o ritual matinal, agora imprescindível: *café con leche* e, logo a seguir, um verdadeiro expresso, porque, após alguns dias de viagem, a cafeína deixa de ser uma bebida e torna-se uma forma de assistência espiritual.

Logo a seguir, encontro o Toby, de vinte e cinco anos, alemão, recém-licenciado em Ciências da Educação. Tem aquele ar aberto e tranquilo de certos jovens viajantes que parecem sentir-se em casa em qualquer lugar. Começamos a caminhar juntos quase sem o decidirmos realmente, falando de universidade, empregos futuros, sonhos ainda vagos.

Avançamos por um bom trecho ao longo dos trilhos da Rioja, imersos num silêncio suave, interrompido apenas pelo vento e o ruído regular dos passos. A certa altura, uma senhora inglesa, com cerca de setenta anos, ultrapassa-nos com um passo rápido e perfeitamente regular. Pequena, muito magra, usando bastões

sincronizados com uma precisão quase militar, e tendo a expressão serena de quem, evidentemente, já atravessou metade do planeta a pé.

Deixo-a passar com natural segurança, pensando que a alcançaria mais à frente.

Claro que isso não acontece.

Aquela mulher desapareceu lentamente no horizonte a uma velocidade humilhante, deixando-me uma das grandes lições do Caminho: aqui, a idade não significa absolutamente nada. Há reformados que percorrem quarenta quilómetros por dia a sorrir como se estivessem a dar um passeio à beira-mar, enquanto homens muito mais jovens avançam com o esforço físico de veteranos napoleónicos em retirada da Rússia gelada.

Concentro-me: encontro o meu ritmo e começo a caminhar quase automaticamente. No Caminho, estranhamente, passado algum tempo, o corpo entra numa espécie de transe tranquilo. Os pensamentos abrandam, a respiração regulariza-se, o tempo perde consistência. Dás por ti a ter percorrido doze quilómetros quase sem perceber quando é que passaram.

Chego assim a Nájera e paro para tomar um café. A esta altura, as paragens para café e tortilhas marcam os

dias mais do que os relógios. Sentados numa mesinha, dois jovens alemães que já tinha encontrado nos dias anteriores, envolvidos numa discussão muito séria sobre a piza e a massa italiana.

Ouço-os durante alguns minutos com um espírito patriótico crescente, quase convidando-os a escolher uma tortilha espanhola (certamente boa) em vez de uma piza de sabor duvidoso em terra estrangeira.

Retomo a viagem em direção a Azofra, atravessando os vinhedos da Rioja, e fico impressionado com o quão baixos eles são, sobretudo quando comparados com os igualmente belos da minha Irpinia.

Durante horas, a paisagem parece desenhada com uma precisão quase irreal. Fileiras verdes e ordenadas, colinas suaves, vento leve, silêncio absoluto. Por momentos, parece-me estar a caminhar dentro de um anúncio de vinho muito elegante, só que com mais suor e menos dignidade estética.

Ao entrar na vila, torno-me, sem dar por isso, protagonista de um dos momentos mais bonitos e genuínos de toda a viagem.

Algumas crianças que jogam à bola na rua vêem-me passar e começam a gritar:

— *Buen camino, peregrino*!

Outros espreitam imediatamente das varandas, rindo e repetindo o mesmo desejo a plenos pulmões.

E, de repente, sinto-me feliz, rodeado por aquela energia contagiante que só os mais pequenos sabem transmitir.

Paro no restaurante *Drive,* um nome maravilhosamente irónico para um local frequentado quase exclusivamente por pessoas que, há dias, só se deslocam a pé. Peço uma sopa de grão-de-bico e carne. E, enquanto como, penso quase de forma traumática: já há uma semana inteira que não como massa.

Logo eu: um italiano de Avellino.

No entanto, sinto-me bem. Até leve. Começo mesmo a suspeitar que estou a emagrecer e, de repente, a dor nos pés parece-me quase um investimento razoável.

Finalmente chego a Santo Domingo de la Calzada, ao fim da tarde, completamente exausto.

Não consigo encontrar um quarto livre.

Lembro-me de que, ao lado da catedral, há um *parador,* um daqueles magníficos edifícios históricos espanhóis — antigos mosteiros, castelos ou palácios — transformados em hotéis de luxo. Só de os olhar, um peregrino sente-se imediatamente demasiado sujo e demasiado pobre para entrar.

No entanto, até o *parador* está cheio. Por alguns segundos, vi a materializarem-se diante de mim imagens muito sombrias: eu debaixo de um pórtico, envolto na capa de chuva, a comer bolachas secas enquanto observava a chuva a cair sobre as pedras antigas.

Mas a senhora da receção, provavelmente impressionada com o meu aspeto já quase monástico, consegue arranjar-me um quarto num segundo *parador* da cidade, instalado no interior do antigo mosteiro de São Francisco. Hoje têm uma oferta especial para os «amigos dos Paradores» e… para os peregrinos. Nem me parece verdade!

Quando entro no quarto, experimento uma sensação de gratidão quase comovente. No Caminho, os padrões de luxo mudam rapidamente. Depois de dias de dormitórios, botas húmidas e toalhas duvidosas, um quarto confortável com uma casa de banho só para mim suscita emoções próximas do êxtase religioso.

Deito-me na cama ainda vestido e fico imóvel durante não sei quanto tempo, a olhar para o teto como um sobrevivente recém-resgatado do mar.

E ali, finalmente, o corpo rende-se ao silêncio e ao colchão macio.

Estou cansado, profundamente cansado e incrivelmente feliz por estar assim, porque continuo a caminhar e, a esta altura, sei que não vou parar.

Segunda-feira, 4 de maio: o Caminho segundo Noé

Acordo com uma calma quase suspeita. Tão calma que, por um instante, penso: «e se hoje não fizesse absolutamente nada?» Afinal, poderia ficar na cama até ao meio-dia, hora do *check-out*. Um luxo já esquecido.

Por volta das nove, desço para tomar o pequeno-almoço em *buffet* com esta estratégia: comer de tudo, mas sem exagerar. Estratégia que falha no momento em que vejo os *churros y chocolate*. Obviamente, como-os, para satisfazer o meu equilíbrio interior.

Volto para o quarto e deito-me novamente na cama. Não tenho qualquer intenção de me levantar. Poderia viver assim. Mas o tempo, ingrato, passa: o meio-dia chega sem pedir permissão.

Deixo a mochila na receção e parto em direção à catedral. Chove como se alguém lá em cima tivesse recebido instruções precisas sobre o meu itinerário. Decido comprar um guarda-chuva. Um transeunte, com a sabedoria do povo, diz-me: «Vai aos chineses, que lá encontras tudo». Uma verdade que se aplica em todo o mundo, mesmo ao longo do Caminho.

Vou até aos chineses… estão fechados. Pânico. Por um instante, já vejo o meu destino: transformar-me numa esponja humana. Felizmente, encontro outra loja e salvo o dia.

Chego à catedral: é lindíssima. No interior, o famoso galo e a galinha da lenda. A história conta que um jovem peregrino foi injustamente acusado de roubo e condenado à forca. Quando os pais, desesperados, disseram ao juiz que o filho ainda estava vivo por milagre, este riu, apontando para o frango assado no prato: «O vosso filho está tão vivo como este galo e esta galinha». Naquele preciso momento, segundo a lenda, o galo e a galinha levantaram-se de facto do prato e começaram a cantar.

Não é todos os dias que se visita uma igreja com aves de capoeira incorporadas.

Chegam também a Annamaria, a Lucia e o Simone: completamente encharcados e ainda gelados do dia anterior. Praticamente recém-chegados de uma expedição polar. É mesmo bom voltar a vê-los. Comemos as últimas tapas juntos, já que no dia seguinte as raparigas têm de regressar a Nápoles — eu, disciplinado, apenas com um café expresso (ou pelo menos é o que me digo a mim mesmo).

As despedidas são sempre um momento um pouco melancólico, mas despedimo-nos com a promessa de nos voltarmos a ver em breve, talvez em Itália, diante de um bom prato de massa.

São quase três horas quando decido, com uma lucidez evidentemente questionável, percorrer mais 22 km até Belorado. Depois dos 37 km de ontem, penso: «um passeio».

Sim, claro.

Torna-se um pesadelo!

Os primeiros quilómetros passam até bem, o que é sempre a forma preferida do Caminho de te enganar antes da tragédia. Em Grañón, paro um instante e encontro peregrinos simpatiquíssimos do Kosovo, da Holanda e da Alemanha. Pessoas alegres, sorridentes, descontraídas. Pessoas que, provavelmente, fizeram escolhas de vida muito mais equilibradas do que as minhas, como ficar ali a dormir em vez de continuar no dilúvio rumo ao desconhecido.

A certa altura, a peregrina holandesa ouve-me dizer duas palavras na sua língua e o seu rosto ilumina-se imediatamente. Tento explicar, com alguma dignidade, que moro perto de Bruxelas e que falo

neerlandês ou, melhor dizendo, flamengo com sotaque napolitano. Ela fica surpreendida e olha para mim como se eu fosse uma experiência linguística europeia extremamente rara: um homem capaz de pronunciar frases em neerlandês com a musicalidade de alguém que está a pedir uma piza frita nos Quartieri Spagnoli, em Nápoles.

Durante alguns minutos, conversamos debaixo da chuva, falando uma mistura improvável de inglês, italiano, espanhol e neerlandês. E talvez esta seja também uma das experiências mais bonitas do Caminho: pessoas nascidas a milhares de quilómetros de distância que acabam por partilhar tapas, pensos rápidos e pedaços de vida, ao longo de uma estrada por vezes lamacenta no Norte de Espanha.

Retomo a caminhada, mas logo são nove horas e já está quase escuro. Ainda não cheguei ao destino e começo a suspeitar que talvez não tenha sido propriamente um passeio.

Percorro o último quilómetro sob um dilúvio universal. Há dias que caminho e acredito sinceramente que Noé me está a seguir a uma distância de segurança com a arca.

Chego finalmente ao albergue. Sento-me à mesa quando todos já terminaram de comer — que *timing*

perfeito! Servem-me sopa de feijão e costeletas de porco: naquele momento, alta cozinha!

No dormitório, está o habitual *roncador* a ressonar como um trombone, uma presença constante, já parte integrante do Caminho. Felizmente, tenho tampões para os ouvidos.

Estou tão cansado que nem sequer tenho forças para me despir.

Desabo repentinamente num sono por vezes profundo, mas com interrupções desagradáveis.

Terça-feira, 5 de maio: *Napul'è…*, a montanha da Oca e 49 quilómetros de delírio

Noite de pesadelo com o *roncador*. Os tampões não ajudaram. Evidentemente, ele possuía uma potência sonora superior às especificações técnicas do produto. A certa altura, pensei seriamente em ligar para o 112 por uma emergência médica devido à apneia do sono e, ao mesmo tempo, para o denunciar por poluição sonora.

Às seis, todos acordam frescos e animados; eu, por outro lado, fico imóvel na cama até às sete, à espera que o dormitório fique vazio. A razão é simples: ainda não alcancei aquele nível espiritual do Caminho que permite atravessar uma sala cheia de desconhecidos em cuecas com absoluta serenidade, sobretudo quando há mulheres por perto. Penso: o Caminho de Santiago sim, mas com dignidade.

Parto devagar e, pelo caminho, encontro o Henry, um padre presbiteriano sul-coreano — o Caminho parece agora ser organizado pela Seul Turismo — sentado a massajar um pé dorido. Ofereço-lhe um pouco da minha pomada milagrosa e começamos a conversar.

Caminhamos juntos até Espinosa, onde entramos num pequeno café que tem logo uma atmosfera especial. O motivo chama-se Leo.

O Leo é uma daquelas personagens que parecem ter saído de um filme do Almodóvar depois de três copos de sangria. Sorriso enorme, energia contagiante, sempre com uma piada na ponta da língua. Eu, cheio de confiança, adivinho a nacionalidade:
— És italiano!
Ele ri-se:
— Meio italiano e meio brasileiro.
E eu:
— Dá para ver: tens o sorriso brasileiro.
E ele, sem hesitar:
— As raparigas dizem que tenho o sorriso e o rabo de um brasileiro.

Fim de cena.

Em dois minutos, põe música alegre a todo o volume: Raffaella Carrà com *Pedro Pedro*, e, depois, outras músicas improváveis, mas perfeitas para aquele momento suspenso do Caminho, em que já não sabes se és um peregrino ou o cliente habitual de um salão de dança cósmico. E, precisamente quando estou prestes a ir-me embora, o Leo põe Pino Daniele com *Napul'è*. É demais. Demasiada nostalgia, demasiada humanidade, demasiado de tudo.

Retomo a caminhada comovido, oprimido por uma pitada de nostalgia que se dissipa quando, após alguns quilómetros, começa a subida para os famosos Montes de Oca.

Após horas de campos abertos, dou por mim imerso num túnel verde de pinheiros e carvalhos. Na floresta, reina tanto silêncio que, por um momento, espero ver aparecer um elfo ou um druida.

Chego a San Juan de Ortega, onde gostaria de parar, mas os dois albergues estão cheios. Evidentemente, hoje a Idade Média está *sold out*[8].

Visito a igreja, a capela e o mosteiro que, durante séculos, acolheram peregrinos cansados, famintos e, provavelmente, menos malcheirosos do que nós, os modernos. São 16h10, estou com uma fome de leão, mas os dois cafés da aldeia já fecharam a cozinha. Percebi que, ao longo do Caminho, o conceito de «horário das refeições» é uma religião mais rígida do que o catolicismo.

Então, armo-me de coragem e decido prosseguir, em direção a Burgos.

Apenas 22 km. «Apenas», claro. A esta altura, o cérebro do peregrino já perdeu completamente o sentido da realidade.

Chuva, vento, sol e, depois, mais chuva. Mais uma subida interminável e, quando chego ao topo, debaixo de chuva torrencial, vejo uma grande cruz. E ali acontece algo. As lágrimas misturam-se com a chuva. Felizmente, ninguém consegue distinguir.

[8] N.T.: esgotada.

Depois, finalmente, ao longe, vejo a cidade. Digo a mim mesmo: «Agora é tudo a descer.»
Uma frase que, no Caminho, equivale a:
«Agora, meu caro, vais sofrer de uma forma diferente.»

Continuo ainda por várias horas. As pernas e os pés movem-se sozinhos. Às 22h15, está escuro como breu. Atravesso a zona industrial de Burgos, que definir como «feiinha» é um ato de generosidade cristã. Ainda me faltam dois quilómetros para chegar ao apartamento que aluguei apenas algumas horas antes, para passar a noite. E aqui cedo ao pecado: vejo um autocarro a passar e não consigo resistir. Santiago que me perdoe. Depois de mais de 40 quilómetros a pé e de percorrer apenas dois num meio de transporte público, acho que o Santo pode fechar um olho. Ou, pelo menos, meio olho.

A proprietária do apartamento envia-me um código para introduzir através da aplicação, para abrir a porta.

Ah, a peregrinação moderna com *check-in* digital!

Entro, pouso a mochila, vejo a cama… e desabo. Estou exausto. Não jantei. Olho para o meu telemóvel: percorri 49 quilómetros. Paradoxalmente, nem consigo dormir; o corpo está tão cansado que parece ter-se esquecido de como se faz isso.



Leo: toda a alegria, toda a beleza!

Quarta-feira, 6 de maio: Gigi D'Alessio e a meseta

Vou logo para a catedral, que surge, repentinamente, entre as ruas da cidade, com as suas torres góticas que parecem querer desafiar o céu. É um daqueles edifícios que conseguem fazer-nos sentir, ao mesmo tempo, pequenos e afortunados por estarmos ali. Não é preciso ser crente, historiador de arte ou especialista em arquitetura para ficar de boca aberta perante tanta beleza. Depois de dias passados entre trilhos, campos e pequenas aldeias, o impacto é ainda mais forte.

O interior também é extraordinário: abóbadas altíssimas, vitrais que filtram a luz com delicadeza, capelas ricamente decoradas e aquele silêncio particular que as grandes catedrais parecem guardar há séculos. Paro alguns minutos para admirar tudo, tentando absorver pelo menos uma pequena parte da história, da arte e da fé encerradas entre estas paredes.

Naturalmente, após esta elevação espiritual e cultural, regresso rapidamente aos meus hábitos. Tiro a foto da praxe abraçado à estátua do peregrino e começo a enviar imagens da catedral à minha mãe.

Ela responde quase de imediato, com um entusiasmo invulgar. Entre ela e o *WhatsApp* existe mais ou menos a mesma relação que tenho eu com uma impressora: quando funciona, ficamos todos felizes, mas ninguém sabe bem porquê.

Na verdade, não é tanto a rapidez da resposta que me surpreende, mas sim o conteúdo.

Percebo imediatamente o motivo. Depois de anos a observar o filho a viver na Bélgica, a escrever livros de direito e a frequentar igrejas mais por interesse cultural do que por devoção, deve ter pensado que o Caminho estava finalmente a completar a obra da Providência.

Não a corrijo. Por alguns minutos, deixo-a acreditar que Santiago conseguiu aquilo que décadas de educação católica e quatro anos de catecismo — apenas para receber a primeira comunhão — não tinham conseguido realizar. Afinal, depois de centenas de quilómetros a pé, ela também merece um pequeno milagre.

Depois, um mega *desayuno* ao sol. Estão «apenas» 22 graus: eu, naturalmente, com uma camisola técnica de manga curta e calções, ao estilo «verão nas Caraíbas», enquanto os espanhóis ainda andam com casacos de penas. Como tudo na vida é relativo!

Ao longo do caminho, encontro um grupo de crianças de talvez 7 ou 8 anos numa visita de estudo e, mais uma vez:
— *Buen camino, peregrino!* — e eu, que respondo feliz, sinto-me de repente num meio-termo entre um herói medieval e uma mascote do *Giro d'Italia*. Convencemo-
-nos imediatamente de que, em Espanha, ensinam na escola o respeito e a solidariedade para com os peregrinos de Santiago.

Decido ir devagar, depois dos 49 quilómetros de ontem. Hoje vou fazer apenas 22, digo a mim mesmo. Frase que, no Caminho, tem o mesmo valor jurídico que as promessas eleitorais.

Justamente quando estou prestes a sair de Burgos, deparo-me com mais uma armadilha emocional.

Levanto os olhos e vejo um edifício magnífico: a Universidade de Burgos — Faculdade de Direito, sediada no *Hospital del Rey*, fundado em 1195 pelo rei Afonso VIII.

Fim da peregrinação espiritual e regresso imediato aos meus desvios profissionais.

Claro que não posso deixar de parar. Entro no pátio interior: uma estrutura antiga, elegante, cheia de luz. À minha volta, estudantes sentados por todo o lado, grupinhos a conversar em voz alta, risos, mochilas espalhadas. Ouço falar espanhol e inglês por parte de estudantes Erasmus vindos de meio continente.

E é aí que me invade aquela melancolia estranha e inexplicável que só as universidades sabem proporcionar: conseguem sempre fazer-me sentir, ao mesmo tempo, jovem, velho, nostálgico e curioso. Por alguns minutos, esqueço-me até do calcanhar dorido.

Gostaria muito de parar para conversar com os estudantes, apesar de me sentir um pouco constrangido com o meu traje de peregrino, e passar horas a ler os programas dos cursos em espanhol.

Mas, depois, o Caminho chama-me à ordem. E, acima de tudo, chama os pés.

Pelo caminho, encontro dois italianos: o Remo, com quem já me tinha cruzado nos dias anteriores, e o Davide. Na companhia deles, o caminho parece mais leve e as bolhas nos pés parecem quase uma experiência social partilhada.

Atravessamos aldeolas completamente desertas às duas da tarde. Ninguém na rua.

Nessa altura, perguntamo-nos onde estarão os espanhóis: estarão a comer? A tomar o pequeno-almoço? Estarão a hibernar?

O mistério da meseta.

Chegamos a Rabé de las Calzadas e paramos para nos refrescarmos. Peço quantidades industriais de bebidas. A certa altura, reparamos, do outro lado da estrada, num rapaz loiro, certamente não espanhol, um tanto desalinhado, com três cães. Ofereço-lhe uma cerveja e ele, sem sequer dizer olá, pergunta-nos:

— Gostam do Gigi D'Alessio?

Descobrimos que ele trabalhou na Alemanha num restaurante gerido por napolitanos que, segundo ele, o submeteram a uma forma sofisticada de tortura psicológica: Gigi D'Alessio 10 horas por dia, todos os dias, durante meses.

Depois deste testemunho, para ele dramático, retomo a caminhada e decido percorrer pelo menos 23 quilómetros. O meu espírito diz «*Buen Camino*», mas o meu calcanhar grita «Parem este homem!».

Chego a Hornillos del Camino: está tudo lotado. Mais uma vez, pânico!

Mas, aqui, o Caminho revela o seu lado humano. Um senhor preocupa-se em ligar para um albergue mais à frente, a oito quilómetros, o que para mim significa mais três horas de caminhada.

— Há lugar.

Aleluia. Praticamente um milagre a esta hora.

Como à pressa um *bocadillo* gigante, bebo até uma sangria, cerro os dentes e volto a partir. Estou agora imerso na meseta mais absoluta: quilómetros de nada absoluto, sem qualquer vestígio de aldeias, casas e até árvores.

Finalmente, ao longe, ao anoitecer, vejo uma luz acesa. Sinto-me como o Pequeno Polegar do conto de fadas, sigo o sinal da civilização e chego a pedir refúgio.

Entro e dois rapazes recebem-me com um chá de camomila quente, perfumadíssimo.

Depois, vejo o dormitório.

E ali, o horror: cinco pessoas desconhecidas e uma a ressonar como um trombone.

Não, chega. Isto já é perseguição internacional organizada.

Paciência. Tampões nos ouvidos e… boa noite.

Quinta-feira, 7 de maio: São Nicolau de Bari a meio do Caminho

Acordo sem saber exatamente onde vou chegar. Aliás, pensando bem, essa é uma das poucas certezas do Caminho: ninguém sabe realmente onde vai chegar a nível espiritual, existencial e filosófico. Mas eu, muito mais modestamente, não faço a menor ideia de onde vou dormir.

O calcanhar dói. Dói mesmo. Aquela dor incómoda que não te impede de caminhar, mas que te acompanha como uma música que não suportas e que te fica na cabeça o dia todo.

Retomo a caminhada porque, no Caminho, parte-se sempre de qualquer forma. É uma espécie de regra não escrita. Um pouco como em certos grupos organizados: nem todos compreenderam perfeitamente o programa do dia, mas, no final, caminha-se na mesma.

Às sete e meia da manhã, tenho uma reunião com os meus amigos do Conselho de Administração da Associação Italiana de Advogados do Desporto. Não devo poder participar. Encontro-me no meio do nada espanhol, rodeado de trigo, vento e silêncio.

Mas atendo. Um pouco por espírito associativo, muito por afeto. Porque, no fim de contas, as reuniões inúteis podem ser evitadas, mas os amigos não.

Falamos da organização da próxima assembleia, dos orçamentos para os quartos, do aluguer da sala de congressos. E, a certa altura, reflito sobre o facto de que o custo de um único dia de aluguer daquela sala equivaler a cerca de trinta dias de alimentação e alojamento ao longo do Caminho de Santiago.

Trinta dias. Uma sala contra um mês de vida essencial.

E ali, no meio do trigo verde, com o vento a bater-me no rosto e o calcanhar a latejar, penso que talvez, na sociedade moderna, todos precisássemos, de vez em quando, de um pequeno banho de humildade, de sobriedade e, quem sabe, de pura pobreza.

O Caminho faz isso. Relocaliza-nos com elegância e lembra-nos do quão pouco é preciso para nos sentirmos bem.

Continuo a caminhar completamente sozinho no coração da meseta espanhola. Uma solidão profunda. Quase bíblica. Só eu, o céu, o vento e este pé que continua a queixar-se.

Tinha prometido a mim mesmo percorrer trinta quilómetros. Lindo. Motivador. Muito Instagram.

Mas, a certa altura, percebo que já não consigo mais. Começo até a desejar parar. E, precisamente enquanto estou a negociar comigo mesmo a rendição, acontece algo.

De repente, como uma miragem no deserto, vejo uma pequena construção antiga. Uma porta aberta. Uma pessoa no limiar. E, acima de tudo — um milagre entre milagres —, sinto o cheiro a café. Mas não é um café qualquer. É moca italiano.

O bom homem, Lino, fala-me logo em italiano. Só isso, no meio de Castela, já me parece algo especial. Convida-me a entrar, a tomar um café. Entro.

E fico sem palavras.

É uma capela medieval totalmente restaurada pelo reitor da Universidade de Perugia, juntamente com os seus alunos, no longínquo ano de 1993. Uma capela maravilhosa, dedicada a São Nicolau de Bari, que hoje também acolhe peregrinos.

Não penso duas vezes:
— Também oferecem alojamento para a noite? Têm uma cama?
— Sim.

O dia está salvo.

Olho à minha volta e parece-me estar a viver um *flashback* de séculos, regressando ao tempo de São Francisco. Dormir numa antiga igrejazinha de um viático ainda mais antigo, no meio da majestosa solidão de Castela.

Não há eletricidade. E, por incrível que pareça, isso não me causa qualquer problema. Pelo contrário, parece-
-me um luxo, precisamente o luxo da austeridade que procurava.

Conheço pessoas excecionais. Entre todas, o Gabriele impressiona-me logo: muito jovem, já com metade do mundo às costas, três anos a trabalhar na Austrália e aquela leveza que só certos jovens têm antes de a vida começar a exigir palavras-passe, hipotecas e responsabilidades fiscais.

Tem uma capacidade surpreendente de conviver com qualquer pessoa. Passados cinco minutos, fala com todos como se os conhecesse há anos.

E, claro, as raparigas estrangeiras da mesa sentem-se imediatamente atraídas por ele. Não de forma teatral ou forçada: simplesmente, o Gabriele possui aquela combinação raríssima de autoconfiança, gentileza e despreocupação que, aos vinte anos, parece natural e que, depois dos cinquenta, requer, em vez disso, anos de terapia, *mindfulness* e, pelo menos, dois livros de desenvolvimento pessoal.

Jantamos à luz das velas. Comemos comida italiana: dois pratos enormes de massa, finalmente. E, acima de tudo, comemos devagar, conversando, rindo, partilhando histórias. Há uma atmosfera que não se consegue explicar bem: alegria simples, humanidade verdadeira, aquela que surge quando ninguém tem de provar nada.

Ao lado da capela, há uma casinha onde podemos tomar banho e até carregar os telemóveis, graças a baterias alimentadas por painéis fotovoltaicos. Tecnologia mínima, felicidade máxima.

Depois do jantar, ficamos todos lá fora mais um pouco, a conversar em voz baixa sob o céu de Castela. Depois, lentamente, vamos dormir.

Sempre à luz das velas.

E, por uma noite, no silêncio ancestral de São Nicolau de Bari, o mundo contemporâneo de *high tech* e *Artificial Intelligence* parece estar a séculos de distância.



Jantar à luz das velas na Igreja de São Nicolau com o Leo, o Gabriele, o Carlos e os outros amigos peregrinos

Sexta-feira, 8 de maio: lágrimas e chuva

Acordo com o aroma do café moca a chegar da cozinha até à cama. Um cheiro familiar, reconfortante, capaz, por um instante, de me fazer esquecer que estou longe de casa. Tomamos o pequeno-almoço todos juntos, em silêncio e com aquela leve tristeza que acompanha as partidas. É hora de nos despedirmos.

O Lino dá-me a bênção do peregrino. Deseja-me fé e força para continuar o caminho. Bem preciso. Sobretudo de força, já que ainda tenho toda a roupa molhada. Por causa da chuva, não consegui secá-la e guardo-a na mochila com a esperança de que, ao caminhar, mais cedo ou mais tarde a humidade se evapore mesmo sem sol.

Retomo a caminhada e, pouco depois, encontro novamente o Remo. Percorremos juntos alguns quilómetros, falando pouco, mas com aquela companhia silenciosa que, no Caminho, vale mais do que muitas palavras. Chegamos a uma pequena aldeia onde, como sempre, parecem existir apenas dois pontos de referência para nós, peregrinos: a igreja e o café. E, por vezes, não é muito claro qual dos dois, pelo menos para o peregrino, é considerado mais sagrado.

A receber-nos está o Edoardo, que fala um italiano perfeito e nos conta que, no seu albergue, o Checco Zalone rodou várias cenas do seu filme sobre o Caminho. Por alguns minutos, sinto-me dentro de um guião surreal: peregrinos encharcados, café expresso no meio da meseta e referências cinematográficas italianas algures em Castela.

Enquanto pago a conta, surge-me espontaneamente uma reflexão: no Caminho moderno, já é possível pagar com cartão bancário em quase todo o lado, a mesma moeda, o mesmo gesto automático.

E este pensamento, enquanto caminho, faz-me recordar de repente outra Europa.

Aquela de há trinta e cinco anos, quando, com os meus amigos, atravessávamos o continente de comboio graças ao *Interrail* e cada fronteira significava também trocar notas e tentar desesperadamente perceber quanto valia realmente uma coroa dinamarquesa em relação às últimas liras que ainda restavam na carteira.

É claro que não existiam telemóveis, nem cartões *contactless*, nem *apps* bancárias.

E, acima de tudo, não havia qualquer confiança no mundo sem amigos nem família.

Assim, a minha mãe, com o pragmatismo quase militar das mães do sul de Itália dos anos 90, tinha costurado para nós uns pequenos bolsos de algodão para amarrar à cintura com um elástico, a prender aos boxers com um alfinete-de-ama.

Uma solução que hoje nos faria sorrir, mas que, na altura, nos parecia tecnologia avançada.

Ainda me lembro de uma cena em Copenhaga.

Tínhamos entrado num *sleep-in* e, na hora de pagar, o meu amigo Emilio disse com total naturalidade ao dinamarquês da receção:
— *Sorry… where is the bathroom? Because, you know… I have my Money in my boxer*[9].
O pobre homem olhou para ele, chocado.
E, na verdade, também um pouco enojado.
— *You have your money … in your boxer?!*[10]
O tom e a expressão facial deixavam bem claro:
— Estás a dizer-me que guardas o dinheiro nas cuecas… e agora queres dá-lo a mim?
E o Emilio, muito sério, com a calma de um rapaz convencido de que estava a explicar um procedimento de segurança perfeitamente normal:
— *Yes. You know… for security reasons!*[11]

[9] N.T.: Desculpa… onde fica a casa de banho? Porque, sabes… tenho o meu dinheiro nos boxers.
[10] N.T.: Tens o teu dinheiro… nos boxers?!
[11] N.T.: Sim. Sabes… por razões de segurança!

Ainda hoje estou convencido de que o dinamarquês se lembra daquele italiano excêntrico que escondia notas nas cuecas como um contrabandista dos Balcãs.

No entanto, pensando nisso agora, enquanto atravesso Espanha pagando em todo o lado com o mesmo cartão bancário, percebo o quanto a Europa mudou ao longo da minha vida.

Quando era miúdo, viajar pelo velho continente significava, acima de tudo, descobrir as diferenças.

Hoje, em vez disso, o Caminho mostra-nos continuamente também aquilo que, aos poucos, aprendemos a partilhar.

O Remo segue em frente e eu continuo sozinho por uma avenida arborizada junto a um canal. Um senhor espanhol explica-me que, antigamente, aquelas águas serviam para transportar a lã da região até Santander e, daí, para a Holanda e a Inglaterra. Entretanto, penso que hoje poderiam usá-lo para me transportar diretamente até Santiago, de preferência com serviço de secagem incluído.

Chego a Frómista por volta das duas. Como qualquer coisa rapidamente e, depois, debaixo da chuva, admiro a famosa igreja românica de San Martín. Com as suas

pedras cor de mel, as duas torres cilíndricas perfeitamente simétricas e as centenas de pequenos capitéis esculpidos, parecendo ter saído diretamente de um livro de história medieval. No céu cinzento da meseta, assume um aspeto ainda mais sugestivo, como se estivesse ali desde sempre à espera da passagem dos peregrinos.

Fico alguns minutos a observá-la. Penso que, há quase mil anos, mercadores, cavaleiros, santos, pecadores e peregrinos, todos inevitavelmente cansados, chegavam diante daquela mesma fachada com emoções provavelmente não muito diferentes das minhas.

Uma pessoa debaixo do guarda-chuva vê-me chegar encharcado e grita em espanhol: — *Otro peregrino mojado!* Eis mais um peregrino molhado.

A esta altura, nós, peregrinos, já somos avistados como uma espécie migratória. Só faltam os documentários sobre a natureza:
«Aqui, podemos observar o peregrino comum a atravessar a meseta debaixo de chuva, à procura de um café quente e de um local seco onde estender as meias».

Os pés doem-me, mas decido continuar em direção à próxima aldeia. Pouco depois, o sol volta a aparecer, quase como que a pedir desculpa. Atravesso um vilarejo com uma máquina de venda automática que se faz passar por um bar: provavelmente o primeiro local

do mundo onde a relação humana mais profunda é com a máquina de *snacks* e, depois, o trilho volta a abrir-se junto a um rio e a uma esplêndida alameda de choupos antigos.

Como adoro o farfalhar das folhas dos choupos agitadas pelo vento. É um som que me acalma e acompanha os meus pensamentos sem os interromper.

Porém, um pouco mais à frente, surge, de repente, uma tempestade de relâmpagos como só tinha visto em documentários ou em vídeos apocalípticos no YouTube com títulos do tipo «As 10 principais tempestades que nunca gostarias de enfrentar».

Em trinta segundos, passo do estado de «peregrino contemplativo imerso na natureza» para «homem perdido numa evocação de tempestade bíblica». O vento bate-me com o poncho como se fosse uma vela enlouquecida e eu avanço inclinado para a frente com a elegância de um saco de plástico arrastado por um furacão na autoestrada.

Procuro um abrigo, mas não há nada. Apenas chuva, vento e estrada. Em certos momentos, o Caminho parece ter um sentido de humor muito particular: oferece-te sol apenas o tempo necessário para tirares a capa e, em seguida, castiga-te imediatamente pelo excesso de confiança.

Continuo a caminhar. Caminho e pronto.

Já é tarde quando finalmente chego a Villalcázar de Sirga. Procuro um albergue, um hotel, qualquer tipo de abrigo. Ainda encontro um quarto livre numa pequena pensão.

Na aldeia, não há praticamente ninguém a essa hora. As ruas estão silenciosas e desertas. Depois, de repente, surge à minha frente a silhueta imponente da igreja de Santa María la Blanca. Mais do que uma igreja de aldeia, parece uma catedral perdida na meseta, enorme em comparação com as poucas casas que a rodeiam.

As pedras douradas refletem a luz húmida do fim de tarde e, por um instante, tenho a impressão de que o edifício ocupa toda a aldeia.

Descubro, com alívio, que a pensão fica mesmo em frente.

Percebo imediatamente o estado lamentável em que me encontro, pela reação da proprietária da pensão. Assim que me vê chegar, fica literalmente de boca aberta e vem ao meu encontro dizendo: — *Tranquilo, tranquilo… ahora llegaste*.

E, na verdade, não deixa de ter razão: estou encharcado da cabeça aos pés, apesar do poncho que, naquele momento, já não era uma proteção contra a chuva, mas sim uma esperança com mangas.

Não estou apenas molhado pela chuva.

Percebo que estou a chorar sem conseguir parar: lágrimas de cansaço, alegria, alívio e gratidão, tudo ao mesmo tempo.

Talvez até o meu corpo, após horas de tempestade, tenha decidido por si próprio libertar-se emocionalmente.

Tiro a capa a pingar água no chão da pensão e a senhora, com uma doçura quase maternal, abraça-me como se fosse um filho perdido que finalmente regressou a casa. Depois, diz-me para me sentar e traz-me uma infusão quente.

Naquele momento, aquele chá de ervas parece-me o maior gesto de amor da história da humanidade.

A senhora prepara-me algo para comer, quase surpreendida com tudo o que peço. Naquele momento, provavelmente, teria comido até o menu plastificado.

Depois, acompanha-me até ao quarto: uma cama com cobertores (algo nem sempre garantido no Caminho) e uma cadeira num canto. Simples. Essencial. Nada de especial. E, precisamente por isso, naquele momento, perfeito.

Sábado, 9 de maio: onde os outros viam o nada

Acordo depois de ter dormido serenamente e sem interrupções no meu pequeno quarto de pensão. Pela primeira vez, ninguém ressona, ninguém prepara a mochila às cinco da manhã como se fosse partir para uma expedição aos Himalaias e, acima de tudo, ninguém acende a lanterna frontal diretamente nos meus olhos.

Desço ao bar por volta das 9h30 para tomar o pequeno-
-almoço e está cheio de peregrinos já em modo de ação: botas, bastões, rostos concentrados e aquele ar de «hoje vou fazer apenas dezoito quilómetros tranquilos», que depois acabam por se tornar, regra geral, trinta e dois.

Por um instante, penso em Bruxelas: hoje é o Dia da Europa. Imagino conferências, bandeiras azuis com estrelas douradas, discursos solenes sobre a integração europeia… enquanto eu, cidadão e funcionário europeu, estou a celebrar a união dos Estados do velho continente com uma bolha no calcanhar e três pensos *Compeed* no bolso.

Recolho toda a minha roupa, que a proprietária da pensão, com grande cuidado, já lavou e colocou a secar durante a noite. Parto com a intenção de fazer a minha primeira paragem em Carrión de los Condes.

Durante o percurso, encontro o Carlos, o meu amigo mexicano, com quem caminho alguns quilómetros. Ele fala um espanhol tão doce e musical que até as instruções dos medicamentos parecem poemas de Pablo Neruda. Conta-me que é fotógrafo e que já publicou muitas fotos do Caminho no seu perfil do Instagram. Mostra-mas no telemóvel: são fotos de qualidade profissional. Pequenas obras-primas da arte fotográfica: luz perfeita, cores incríveis, peregrinos que parecem ter saído de um documentário da Netflix patrocinado pela Canon. Tenho a certeza de que, graças ao encanto destas imagens, no próximo ano muitos mexicanos farão o Caminho.

Chegamos ao albergue, onde reencontramos o Gabriele, muito ocupado a conversar — ou talvez a namoriscar com a naturalidade que o caracteriza — com uma rapariga dinamarquesa, enquanto prepara o seu delicioso *bocadillo*. Convencemo-nos de que, a esta altura, o meu jovem amigo está a encarar o Caminho como uma missão diplomática internacional ou uma longa *performance* sentimental.

Continuo a minha viagem com alguma inquietação, porque todos me disseram:

— Prepara-te também mentalmente, porque haverá 17 quilómetros de nada absoluto.

Mas, pelo contrário, achei todo o percurso maravilhoso, com a paisagem circundante: o silêncio como bálsamo para a alma e a mente, campos de trigo, uma brisa suave e aquela sensação muito estranha de que o tempo realmente abranda para nos fazer viver melhor e apreciar com todos os sentidos a realidade que nos rodeia. Às vezes, o «nada» é simplesmente paz, mas certos peregrinos ainda não o sabem.

Os últimos quilómetros passam rapidamente, porque encontro o Federico, de Ravenna. Falamos de tudo: trabalho, vida, viagens, ginásio, dores nos pés e o futuro da humanidade.

Assim, quase sem darmos por isso, chegamos aos nossos respetivos albergues em Moratinos.

No meu, conversam em napolitano puro e fico um pouco impressionado por reencontrar o meu dialeto no meio do nada da meseta: são dois irmãos que gerem o albergue e, de imediato, sinto-me em casa, apesar dos milhares de quilómetros de distância.

À noite, porém, encontramo-nos com o Edoardo para jantar e comemos juntos uma excelente *carbonara*, preparada por uma senhora italiana do albergue dele. E sentiu-se logo o toque da pátria.

Durante alguns minutos, olhamos todos uns para os outros em silêncio, com respeito reverente, como se estivéssemos perante um milagre gastronómico que surgiu no meio do Caminho.

Domingo, 10 de maio: a história de Santiago de Compostela

Dormi bem, sem roncos sincronizados ao estilo de uma orquestra filarmónica do inferno. Como de costume, sou um dos últimos a sair do dormitório: a esta altura, já acredito que os outros peregrinos tenham um acordo secreto com o sol para partir antes do amanhecer.

Preparo a mochila e vou tomar o pequeno-almoço no bar do albergue. O facto de ser preparado por um napolitano tranquiliza-me, pelo menos, quanto à qualidade do café: onde quer que haja um italiano no mundo, mais cedo ou mais tarde surge também um expresso aceitável. Também me permito um *cappuccino* e um *croissant*, juntamente com *pan y tomate* e sumo de laranja: praticamente um pequeno-almoço duplo, mas o Caminho transforma qualquer sentimento de culpa calórica em combustível espiritual.

Pronto para partir. Por assim dizer.

Mal saio, começa a chover outra vez. Uma senhora brasileira, muito simpática, ajuda-me a colocar a capa de chuva por cima da mochila. Percorremos um bom trecho de estrada juntos. Ela conta-me das suas viagens

incessantes, dos filhos que vivem na Europa, dos netinhos que vai visitar. Tem aquela energia das pessoas que perceberam que a vida é demasiado curta para ficar parado.

Depois, de repente, o céu decide acabar connosco.

Uma tempestade de água atinge-nos sem piedade. Eu, ela e todos os peregrinos procuramos abrigo onde podemos. Não há árvores. Por isso, enfiamo-nos entre arbustos baixos ao longo do trilho. E é um espetáculo bastante improvável, como nos quadros de Arcimboldo, com rostos humanos repletos de frutas e legumes: dezenas de peregrinos coloridos, cobertos por ponchos vermelhos, azuis, amarelos e verdes, a parecerem bagas gigantes a brotar da vegetação.

Encharcados até aos ossos, chegamos a Sahagún, a que agora chamo Xangai, provavelmente devido aos níveis de humidade, e cada um retoma o seu caminho.

Atravesso uma belíssima pequena ponte medieval e encontro o monumento que marca a metade do Caminho. Um momento que deveria ser altamente espiritual e suscitar pensamentos profundos e comentários memoráveis para escrever e transmitir aos pósteros. É pena que eu esteja completamente encharcado: sapatos cheios de água, meias transformadas em aquário e uma bolha no pé que, a esta altura, já adquiriu personalidade jurídica autónoma.

Ao entrar na cidade, encontro uma espécie de parafarmácia para peregrinos, metade farmácia e metade centro de massagens de sobrevivência. O farmacêutico vê-me entrar e percebe imediatamente que estou à beira da decomposição. Dá-me uma pomada cicatrizante para os pés e encaminha-me para uma lavandaria automática, onde consigo, pelo menos, secar sapatos, meias e calças.

Como uma tortilha saborosa e sigo de novo. O caminho está deserto: ninguém à minha frente nem atrás de mim. Já percebo que os peregrinos param às duas da tarde, depois de terem percorrido os seus 15, 20 ou, no máximo, 25 quilómetros, conforme o seu plano. É uma verdadeira pena, penso eu, porque o Caminho, pelo menos nesta altura do ano, oferece o melhor de si. A luz torna-se mais pura, quase cristalina, os campos parecem estender-se até ao infinito e a temperatura, pelo menos nesta altura, é agradável. Caminhar deixa de ser tanto uma prova de resistência e passa a ser mais uma simples alegria.

Passado algum tempo, encontro o Remo, que estava atrás de mim, e chegamos a Bercianos del Real Camino, uma aldeola minúscula. «Aldeola» é até um termo generoso: quatro casas fechadas e um silêncio cósmico. Obviamente, não há ninguém na rua. No entanto, há sempre uma certeza no Caminho: se encontrares uma igreja, provavelmente também encontrarás um café.

E, de facto, lá está ele.

Sentamo-nos imediatamente e pedimos o menu do peregrino. Escolho uma sopa de feijão que contém… orelhas de porco cortadas em pedaços. No início, a ideia não me entusiasma muito. Digamos que não era o sonho gastronómico da minha infância. Mas está quente, tenho fome e, por isso, aceito o meu destino. Depois, chega também uma excelente carne e a situação melhora sensivelmente.

O Remo decide ficar por aí: já percorreu 36 quilómetros. Eu, por outro lado, continuo sozinho em direção à próxima localidade, El Burgo Ranero.

Chego lá muito tarde e exausto.

Ligo para o albergue enquanto ainda estou a caminhar, para me certificar de que há pelo menos uma cama disponível. A senhora que me atende, colombiana, é muito simpática e informa-me logo que é possível jantar… mas só até às oito e meia. Nesse momento, estou tão cansado que considero seriamente a ideia de me alimentar diretamente por fotossíntese.

Deito-me na cama «só por cinco minutos» e adormeço imediatamente durante uma hora. Depois, encontro

força para tomar um banho quente. Um daqueles banhos que te reconciliam temporariamente com a humanidade.

Saio para procurar o restaurante da povoação. Obviamente, está fechado. Está tudo fechado. Um deserto total. Parece um cenário de cinema pós-apocalíptico.

Em frente ao restaurante, porém, está sentado um rapaz marroquino. Assim que percebe que venho do albergue, deixa-me entrar, de qualquer modo: sou o único cliente. Preparam-me a refeição na mesma e começo a conversar com o proprietário.

Pergunto-lhe por que razão todas estas aldeias estão tão desertas.

Ele explica-me que os jovens foram todos para León, Madrid, Barcelona. Os idosos também: pelo menos lá podem receber melhores cuidados de saúde. Restam poucas pessoas e muitas casas vazias.

Depois, pergunto-lhe sobre as paredes das casas que vi hoje e que me parecem ter sido construídas com palha e barro. Ele confirma que se trata de uma técnica tradicional muito antiga da região: palha e barro como isolante natural. Na prática, trata-se de uma construção ecológica antiga muito mais inteligente do que a que se vê em certos apartamentos modernos que custam os olhos da cara.

Entretanto, entra outro senhor e conta-me a história de Santiago com aquela solenidade natural típica dos espanhóis quando falam do Caminho. Explica-me a missão de evangelizar a Espanha, a decapitação em Jerusalém por ordem de Herodes Agripa e, depois, a viagem lendária do corpo por mar até às costas da Galiza.

Segundo a tradição, os discípulos teriam colocado o corpo do apóstolo num barco sem velas nem remos, entregando-o completamente à vontade divina. E já aqui eu, como europeu contemporâneo habituado aos frequentes transtornos causados pelas companhias aéreas modernas, às falcatruas que por vezes ocorrem nos *sites* de reserva de hotéis, sinto uma certa admiração pelo nível de confiança logística do cristianismo primitivo.

A história continua: séculos mais tarde, um eremita terá visto luzes misteriosas na floresta — quase como estrelas que indicavam um ponto preciso — e foi ali que foram encontradas as relíquias do apóstolo. Dessas «estrelas no campo» teria surgido o nome «Santiago de Compostela».

E, enquanto o ouço, penso que o Caminho, no fundo, ainda hoje vive suspenso entre a história, a fé, a lenda e a necessidade humana de acreditar que certas viagens têm realmente um significado maior do que nós.

Também porque, depois de centenas de quilómetros a pé, estamos dispostos a acreditar praticamente em tudo, desde que haja uma cama livre no final da etapa.

E eu ouço tudo, exausto, com os olhos a fecharem-se sozinhos.

Agradeço a todos mais uma vez e volto finalmente para a cama.

Amanhã vou tentar chegar a León.

Segunda-feira, 11 de maio: León debaixo de chuva

Caminho devagar, sozinho, sem parar nunca, até ao final da tarde. Até os meus queridos amigos peregrinos coreanos, presença constante na estrada, desapareceram. Também se ausentaram aqueles supertecnológicos, com bastões aerodinâmicos e mochilas de expedição lunar. Evidentemente, os mais sérios seguiram em frente, enquanto eu continuo a praticar uma forma de peregrinação lenta e feliz, baseada sobretudo em hidratos de carbono, improvisação e resistência psicológica.

Quase sem dar por isso, chego a doze quilómetros de León.

Os últimos quilómetros, porém, são na verdade desagradáveis: periferias, estradas e caminhos anónimos e sem alma, religiosa ou laica. É como se a meseta, antes de te deixar partir, quisesse lembrar-te de que o sofrimento, mesmo o estético, faz parte integrante da experiência do Caminho.

A certa altura, sou ultrapassado por um peregrino idoso, de nacionalidade não identificada, a uma velocidade inquietante. Ele cumprimenta-me com um sorriso:
— *Buen Camino!*
Respondo com dignidade.

Por dentro, porém, o meu corpo grita: «Mas para onde vais tão depressa? Abranda comigo, por favor.» Pouco depois, cruzo-me com dois americanos equipados a nível profissional: cantis tecnológicos, *smartwatch*, joelheiras profissionais, calções técnicos com mais bolsos do que um colete à prova de balas.

Um deles pergunta-me:
— *How many kilometers today?*[12]
Eu, já sem lucidez:
— *Emotionally? Too many!*[13]

Mas a ideia de chegar finalmente a León motiva-me e faz-me seguir em frente.

Chego tarde, à noite. Continua a chover, mas não estou preocupado. Abro o Booking e vejo que há dezenas de alojamentos disponíveis. Depois de dias a reservar camas em quartos partilhados com peregrinos que ressonam em latim antigo, ter um quarto só para mim parece-me puro luxo.

Encontro um a bom preço, mesmo na *Plaza Mayor*.

Entro e quase me emociono: a certa altura, fico até alguns segundos imóvel em frente ao lavatório da casa de banho, simplesmente a observar as toalhas de algodão de excelente qualidade. O Caminho diminui

[12] N.T.: Quantos quilómetros hoje?
[13] N.T.: Emocionalmente? Demasiados!

muito os padrões emocionais: após duas semanas de peregrinação, olhas para uma casa de banho limpa e toalhas cuidadosamente dobradas com o mesmo respeito com que um arqueólogo observa os vestígios de uma civilização perdida.

Antes de tomar banho, saio logo, para comer qualquer coisa.

León, debaixo de chuva, tem um encanto especial. As luzes amarelas dos candeeiros refletem-se na pedra molhada, as ruelas estão cheias de pessoas que entram e saem de bares e restaurantes e o ar cheira a noite, a chuva e a cidade vivida.

E, acima de tudo, há a catedral que surge de repente entre os telhados, como uma gigantesca nave gótica ancorada no coração da cidade.

Na rua, encontro um senhor muito simpático que, sem qualquer motivo aparente, decide tornar-se o meu guia turístico pessoal.

Explica-me a história da cidade e do *Barrio Húmedo* por onde passamos. Descubro que o nome do bairro não deriva da chuva, mas da histórica abundância de vinho servido nas suas tabernas. Uma explicação que considero surpreendentemente razoável. Afinal, existem lugares que recebem o nome de reis, santos

e batalhas; León dedicou um diretamente à bebida.

Ele também me indica onde comer, onde beber e explica-me o ritual das tapas.
— Aqui, não precisas de pedir comida. Pede uma *cerveza*… e eles trazem-te alguma coisa para petiscar.
Uma filosofia urbana que mereceria, sem dúvida, ser estudada na escola e divulgada à escala europeia.

O homem continua a falar comigo com entusiasmo crescente e, a certa altura, aponta-me três bares diferentes num raio de cinquenta metros:
— Aqui, a *tortilla*. Ali, o *jamón*. Mais à frente, as *croquetas*.

Parece o Gandalf a atribuir missões estratégicas, mas baseadas exclusivamente em hidratos de carbono.

Entro num bar de tapas perto do hotel. Peço uma cerveja, rigorosamente sem álcool.

E, de facto, a comida chega imediatamente. Genial!

Durante alguns minutos, fico quase comovido com a eficiência do sistema: pedes uma bebida e a sociedade local, boa cristã que é, de forma responsável, protege-te, alimentando-te.

Depois de dias passados entre campos, trilhos e pequenas aldeias, encontrar-me de repente numa cidade tão animada transmite-me uma estranha sensação de energia e conforto.

Decido então que sim: amanhã não vou caminhar. Amanhã vou ficar parado.

Terça-feira, 12 de maio: humilhação meteorológica

Cheio de entusiasmo, decido visitar a cidade.

Mal saio do hotel, porém, percebo que o tempo local desenvolveu contra mim uma animosidade pessoal bastante séria.

Está a chover. Outra vez.

E não é uma chuva normal, não. Aquela chuvinha castelhana, miudinha e persistente, que agora, aos meus olhos, nem sequer parece água: é uma humilhação atmosférica organizada metodicamente contra mim, que vivo em Bruxelas, onde o tempo não é propriamente excecional.

Com poucos conhecimentos de geografia e climatologia, parti com a convicção romântica de que, em Espanha, iria sofrer com o sol, o calor, a desidratação e, quem sabe, até um ligeiro colapso saariano.

Na minha mente de campano emigrado para o Norte da Europa, «Espanha» significa: luz ofuscante, céu azul, temperaturas africanas, idosos sentados à sombra a beber uma *cerveza*.

Em vez disso, há dias que atravesso o Norte de Espanha com o humor climático de um camponês da Flandres.

Apesar de tudo, chego à Plaza Mayor, no coração da cidade, tentando evitar as poças de água. León é antiga e repleta de história de um reino medieval, cheia de ruelas que parecem feitas de propósito para despistar peregrinos cansados e turistas sem guarda-chuva.

Visito a catedral gótica, num mar de igrejas românicas, conhecida como *Pulchra Leonina*, com os seus inúmeros vitrais em mosaico, que se contam entre os mais valiosos da Europa. São tão luminosos que parece que estamos a entrar num gigantesco caleidoscópio medieval.

A luz colorida incide sobre o chão, as colunas e os visitantes, transformando tudo o que toca. Fico ali com o nariz virado para cima, como um turista particularmente impressionável.

Por alguns minutos, esqueço-me até da dor nos pés. Praticamente, entro como um peregrino cansado e saio convencido de que tive uma pequena aparição mística — ou talvez tenha sido apenas hipoglicemia.

Lá fora, passo em frente ao edifício de Gaudí. Infelizmente, está fechado. A esta altura, eu e os monumentos fechados já temos uma relação estável

e duradoura. No entanto, mesmo só o exterior é lindíssimo: parece o castelo de um conto de fadas projetado por alguém que tinha bebido muito café e decidido que as linhas retas eram sobrevalorizadas.

Continuo em direção ao *parador*, que também é magnífico. Nessa altura, surge-me um pensamento perigoso: «Mas por que razão hei de dormir em dormitórios quando existem lugares tão confortáveis?»

Mas, depois, faço rapidamente um cálculo mental e percebo que uma única noite no *parador* me custaria o mesmo que trinta dias de beliches, pessoas que ressonam sem parar e casas de banho partilhadas. E, de repente, recupero toda a minha espiritualidade de peregrino.

No caminho de volta, paro para comer pratos típicos de León.

A cozinha de León não parece particularmente interessada nas tendências saudáveis da atualidade. Aqui reinam enchidos, salsichas, carnes, queijos e porções concebidas, evidentemente, para pessoas que passam os dias a trabalhar nos campos ou a caminhar em direção a Santiago. Dou por mim diante de um prato tão farto que, por um instante, considero a hipótese de pedir ajuda aos peregrinos da mesa ao lado.

Como, com a concentração e o respeito que se reservam às experiências importantes. Após quase trezentos quilómetros de Caminho, o meu corpo interpreta aquele almoço não como uma simples refeição, mas como um ato de justiça reparadora.

Depois, perco-me felizmente nas ruelas do *Barrio Romántico*, cheio de ambiente, tapas, bares e gente alegre. O nome sugere paixões avassaladoras e declarações de amor. Eu, naquele momento, sinto uma paixão intensa sobretudo pelas *croquetas* e por qualquer superfície que me permita sentar-me.

Parou de chover e, por isso, tomo uma decisão muito racional e moderada: continuar a caminhar até ao anoitecer.

Definir o troço seguinte do Caminho, porém, como «não muito bonito» é puro exercício de diplomacia.

Doze quilómetros ao lado da *carretera*, capazes de fazer reavaliar até mesmo os anéis viários de Roma ou de Bruxelas. Longos, monótonos, barulhentos, intermináveis.

Finalmente, por volta das 21h30, chego a San Martín. Entro no dormitório do meu albergue, ocupado exclusivamente por italianos.

Há um jovem casal que escolheu o Caminho como viagem de fim de curso, uma escolha que pode ser interpretada como um romantismo extraordinário ou como uma gestão criativa de um orçamento universitário ainda abalado.

No restaurante, onde acabaram de jantar, reparei em quatro amigos de longa data, apaixonados pela montanha, que estavam a jogar às cartas: Gino, Lorenzo, Claudio e Maurizio, vindos de uma pequena e encantadora aldeia do Vale de Susa, Bussoleno. Partiram de León pela manhã, sob uma chuva torrencial, e continuam, inexplicavelmente, cheios de energia, entusiasmo e confiança na humanidade.

O Gino é da Campânia, tal como eu. Com ele, volto inevitavelmente ao dialeto e às cadências da minha terra. Tem uma energia contagiante e encara cada dia com entusiasmo.

O Maurizio é o mais astuto do grupo. Observa, ouve e depois solta a piada certa, aquela que faz todos sorrir sem precisar de levantar a voz.

O Lorenzo é o colega com quem acabo por falar mais frequentemente sobre economia e desporto. Partilha esta paixão e conta com orgulho a trajetória do seu filho, um jovem treinador.

Por fim, há o Claudio, o mais calado. Não fala muito, mas, quando a estrada sobe, parece transformar-se: caminha com naturalidade e leveza, como se as montanhas fossem o seu ambiente natural.

São pessoas em forma, sorridentes, ainda capazes de falar sobre a paisagem e de formular frases completas após trinta quilómetros, enquanto eu, nessa altura, me comunico principalmente através de suspiros, caretas e pedidos de café.

No entanto, o mais surpreendente é outra coisa: conheço-os há muito pouco tempo, mas já os sinto como verdadeiros amigos.

Mais tarde, enquanto recupero forças no albergue, recebo uma mensagem do Simone no *WhatsApp*.

Abro o vídeo.

Espero ver um dormitório, alguns peregrinos cansados, talvez um prato de massa.

Em vez disso, assisto a uma cena que parece ter saído de um documentário místico-musical produzido pela Netflix.

O albergue onde ele se encontra é gerido por freiras que, depois do jantar, aparecem diante dos peregrinos munidas de guitarras e pandeiros. E começam a cantar.

Não sozinhas, mas com os peregrinos, todos juntos.

No vídeo, vejo-os a bater palmas, a sorrir e a entoar canções com entusiasmo crescente.

Vejo o vídeo duas vezes para ter a certeza de que vi bem.

O Simone encontra-se, evidentemente, a meio caminho entre um albergue do Caminho e o Festival de Sanremo organizado pelas religiosas.

Afinal, o Caminho também é isto: parte-se com a ideia de fazer uma peregrinação medieval e acaba-se por assistir a uma *jam session* de freiras beneditinas em direto no *WhatsApp*.

Quarta-feira, 13 de maio: almoço diplomático por engano e até mesmo SPA

Depois do pequeno-almoço, despedi-me com carinho dos novos amigos italianos que conheci ontem à noite, que estavam prontos para partir antes de mim. Afinal, já percebi que no Caminho perdemo-nos e reencontramo-nos constantemente… talvez 10 quilómetros mais à frente, diante de uma tortilha ou de uma farmácia.

Entretanto, o Benito — o dono do albergue, com cara de quem já viu passar metade do mundo — conta-nos que, antigamente, o Caminho Francês era chamado de «Caminho Romano». Passavam sobretudo italianos, espanhóis e poucos franceses. Os seus pais acolhiam os peregrinos diretamente em casa. Naquele momento, tive a sensação muito forte de que o Caminho não é apenas um percurso, mas uma espécie de rio humano que continua a correr exatamente da mesma forma há séculos. As mochilas mudam, mas os olhos cansados e felizes permanecem.

Após alguns quilómetros, abandonamos finalmente a *carretera*. E aqui o dia muda de ares: estradinhas de montanha, aldeias minúsculas, o verde das árvores, arbustos de mirtilos, florestas de faias e, por todo

o lado, um silêncio ensurdecedor, interrompido apenas pelo ruído fragmentado dos passos e dos bastões e pelo canto dos pássaros. Uma beleza simples e grandiosa ao mesmo tempo. Cada curva parecia dizer: «Tranquilo, vai devagar, olha bem.»

Destino de hoje: Astorga. Não sei absolutamente nada sobre ela, porque ontem à noite estava demasiado cansado até para a pesquisar na *internet*. A esta altura, o meu método de observação cultural é este: chego, olho à minha volta e deixo-me surpreender. Uma espécie de «National Geographic com bolhas nos pés».

Naturalmente, após quase sete horas de caminhada, o meu cérebro entra na fase obsessiva: comer. Quero absolutamente provar a especialidade local, o famoso «*cocido maragato*». Por esta especialidade culinária — esperemos que Santiago me perdoe —, traio as setas amarelas do Caminho e sigo o Google Maps, com destino ao restaurante, com a mesma determinação e perspicácia de um cão de caça. Vou tão depressa que alcanço os meus amigos que seguiam à frente. Conversa rápida, superficial e curta. Passo por eles, pedindo desculpa porque estou com pressa: tenho receio que o restaurante feche.

Eles, na sua imensa generosidade, compreendem.

Chego. Abro a porta. E percebo imediatamente que me enganei na categoria social dos fregueses.

Um restaurante absolutamente anónimo por fora e extremamente elegante por dentro. Pessoas bem vestidas. Empregados de mesa impecáveis, com direito a *maître*. Ambiente requintado.

E eis que entro eu, com toda a minha beleza de peregrino: mochila volumosa, chapéu e bastões de caminhada, calções curtos. Tudo isto complementado pelo suor que escorre da corrida e pelo rosto sujo de poeira.

Pareço um veterano de guerra que entrou por engano numa sala onde se realiza um almoço diplomático.

Peço desculpa imediatamente pela indumentária, mas eles, com grande gentileza, convidam-me a sentar-me, ainda que num cantinho do restaurante que, àquela hora, quase às 15h30, está meio cheio ou meio vazio, dependendo do ponto de vista.

E aí começa a festa: o *cocido* é delicioso, enorme, reconfortante. Uma declaração de amor entre grão-de-bico, cenouras, vários tipos de carne e calorias. Gosto imenso, embora tenha de admitir que é o prato ideal se depois tiveres de ir dormir durante três dias,

não se, na manhã seguinte, for preciso percorrer mais trinta quilómetros. Por isso, dispensei o caldo que normalmente acompanha a carne.

Saio do restaurante completamente saciado, num estado físico muito próximo da bem-aventurança ou da paralisia digestiva.

Nessa altura, procuro um hotel nas proximidades. E é aqui que o Caminho decide hoje recompensar-me: encontro um bom hotel a um preço excelente… e com SPA.

SPA.

Depois de dias de mochilas, poeira, suor e lavandarias improváveis, ver a palavra SPA provocou-me a mesma emoção que, provavelmente, os peregrinos medievais sentiam perante um milagre.

«Mas claro» — digo a mim mesmo —, «eu mereço-o!»

Tomo um banho interminável. Acho que até lavei parte dos meus pecados.

Depois, saio para visitar Astorga e, de repente, surge outra maravilha: o Palácio Episcopal de Gaudí. Fico literalmente de boca aberta. Gaudí tem o dom de construir edifícios que parecem ter saído de um

conto de fadas, de um sonho e de uma oração. Tudo parece desafiar a rigidez da pedra, como se o edifício respirasse.

Logo a seguir, dirijo-me à catedral de estilo gótico tardio. Mais um esplendor: depois de ter visitado as igrejas e catedrais de Navarra e de Castela, fico estupefacto perante a sua fachada luminosa e esguia. A esta altura, Astorga decide claramente exagerar.

E assim, para terminar o dia em grande estilo… SPA.

Fico lá duas horas. Duas horas a sério. Água quente, silêncio, paz absoluta. Depois de tantos quilómetros, o corpo finalmente deixa de protestar e assina uma trégua.

À noite, preparo-me para ir à lavandaria, onde fico mais de uma hora, porque até os peregrinos têm de enfrentar a dura realidade das meias e outras peças de roupa sujas. Aproveito para comer qualquer coisa, porque, depois do *cocido*, é preciso manter-me ligeiro.

Muito ligeiro.

Acho que amanhã terei energia suficiente para chegar diretamente a Santiago sem parar.



Astorga: o palácio episcopal de Gaudí e…



A catedral

Quinta-feira, 14 de maio: a vida que recomeça

Acordo tarde. Por uma vez, o corpo leva a melhor sobre o sentimento de culpa do peregrino disciplinado. Decido logo que não vou tomar o pequeno-almoço no hotel: depois de dias a caminhar, até escolher onde beber um café parece um pequeno ato de liberdade.

Saio e passo pela frente da Catedral de Astorga. Se ontem me tinha parecido bonita, esta manhã, com a luz clara e fria do amanhecer, é quase comovente. As pedras parecem iluminar-se por si próprias e, durante alguns minutos, fico ali parado, com a mochila às costas, a admirá-la como se olha para alguém que se quer gravar bem na mente e no coração, porque não nos voltaremos a ver.

Depois, começa a missão impossível do dia: encontrar um café expresso decente.

Cafés fechados. Cafés sem máquina de café expresso. Cafés com um café que mais parece um castigo do que uma bebida que consola e desperta. Após várias tentativas, compreendo a trágica verdade: terei de caminhar seis quilómetros antes de poder tomar o pequeno-almoço.

Seis quilómetros sem cafeína são, para mim, uma forma moderna de penitência.

A primeira localidade surge finalmente como uma miragem: Murias de Rechivaldo.

O café está a rebentar pelas costuras, não só de peregrinos, mas também de gente da região. Não sei como é que o senhor atrás do balcão conseguiu lidar com toda aquela gente sem perder a cabeça ou acertar em alguém com um copo. Fico especialmente impressionado com a quantidade e variedade de tortilhas que serve: tortilha com *morcilla*, tortilha com queijo e presunto, tortilha com *chorizo*, tortilha simples…

Tenho a sensação de que, nesta região de Espanha, existe uma tortilha específica para cada fase emocional do peregrino: a da esperança, a do desespero e, provavelmente, também aquela dedicada às bolhas no pé esquerdo.

Eu, naturalmente, fico alguns minutos em contemplação mística diante do balcão, a tentar perceber qual escolher, com a concentração de um jurista perante um acórdão do Tribunal de Justiça da União Europeia.

Sento-me e tomo um pequeno-almoço que, naquele momento, para mim vale tanto quanto um almoço num restaurante com estrelas Michelin. No Caminho, a felicidade mede-se em pequenas bênçãos diárias: um café expresso quente, pão torrado, sumo de laranja e uma cadeira.

Retomo a caminhada por um trilho maravilhoso: parece-me estar a caminhar num quadro impressionista, entre campos de trigo verde e papoilas vermelhas como fogo que despontam aqui e ali. O cansaço permanece, mas a paisagem torna-o leve, suportável com elegância.

Continuo por alguns quilómetros com a Jennifer, uma americana muito simpática. Ela conta-me que o filho se tornou padre. Di-lo com muito orgulho e com uma naturalidade desarmante, como se estivesse a falar do tempo.

Depois, inesperadamente, sentados num café, encontro com enorme alegria os meus amigos de Bussoleno.

Eles, pessoas civilizadas e equilibradas, atentas à saúde e, provavelmente, ainda com valores sanguíneos compatíveis com a vida, pedem uma salada simples e saborosa.

Eu, por outro lado, como sempre, reajo ao cansaço do Caminho com a lucidez alimentar de um lenhador que acaba de passar um longo dia a cortar lenha.

Peço sem qualquer sentido de moderação: sopa de lentilhas com *chorizo*, rolo de carne, batatas fritas, salada; esta última pedida apenas para poder dizer, perante a minha consciência e os meus amigos, que também comi vegetais.

Quando os pratos chegam, quase sinto embaraço. Quase.

Depois, provo a sopa e qualquer resquício de dignidade moral desaparece imediatamente.

Os meus amigos ficam mais tempo em Rabanal. Eu sigo sozinho e o telemóvel traz-me uma notícia maravilhosa: nasceu a Elisabetta Ludovica, a filha do meu melhor amigo Marco e da Federica.

Fico alguns segundos imóvel, a olhar para o ecrã.

E depois desato a chorar.

Já me acontece muitas vezes: as emoções chegam sem pedir permissão. Estou cansado, vulnerável, longe de casa, e certas notícias tocam-me profundamente.

Fico comovido ao pensar no Marco, um amigo de toda a vida, que se tornou pai. Penso na Federica, na felicidade deles, naquela menina que acabou de nascer enquanto eu caminho pelas montanhas do Norte de Espanha em busca de mim mesmo.

E, nesse momento, o Caminho parece-me subitamente muito claro: por um lado, o cansaço, o tempo que passa, os joelhos e os calcanhares que protestam oficialmente contra mim; por outro, a vida que continua obstinadamente a renascer através do amor.

Paro e fico alguns minutos em silêncio, com os olhos brilhantes e o coração cheio de suprema felicidade. E penso que talvez não exista melhor lugar do que o Caminho para receber uma notícia destas.

Enquanto atravessas paisagens antigas e sentes sobre ti todo o peso dos anos, algures nasce uma criatura com os olhos ainda cheios de futuro. Ela nada sabe do cansaço, dos medos, das desilusões, do tempo que passa demasiado depressa.

No entanto, precisamente nesse momento, enquanto caminhas cansado por um trilho antigo, ela entra nos nossos corações. Tu, com bolhas nos pés e a vida às costas, ela leve como um suspiro que mal começou.

E, por um instante, parece-me vislumbrar o fio que une as gerações: quem está a caminho desde sempre e quem acabou de abrir os olhos para o mundo.

Durante o resto do dia, levo comigo esse pensamento. Cada passo parece acompanhado pela imagem de Elisabetta Ludovica que, precisamente enquanto eu percorro uma antiga rota de peregrinação, acaba de iniciar a caminhada mais longa e imprevisível de todas: a da vida. E talvez seja também por isso que a etapa que me espera nesse dia assume um significado especial.

Já tinha planeado chegar à famosa *Cruz de Hierro* e ultrapassá-la, enquanto os meus amigos pensavam em parar antes, em Foncebadón. Como eles não conseguiram encontrar um lugar para dormir, decidimos então prosseguir todos juntos em direção a um dos destinos mais emblemáticos de todo o Caminho.

A bem ver, esta cruz não impressiona pela sua grandeza. Pelo contrário, impressiona pela sua simplicidade.

Não há monumentalidade espetacular, não há grandes obras arquitetónicas, nem efeitos cénicos. Apenas um longo poste de madeira com uma pequena cruz de ferro no topo, fincado no ponto mais alto do Caminho

Francês, rodeado por uma gigantesca extensão de pedras deixadas ao longo dos séculos pelos peregrinos.

Segundo a tradição, cada peregrino traz de casa uma pedra e deixa-a ali, como símbolo de algo a abandonar: uma dor, um fardo, um medo, um luto, um remorso, ou uma parte da própria vida cujo peso se tornou insuportável e que, por isso, deve ser deixada neste local.

Naturalmente, eu, que preparei a mochila com a eficiência estratégica de um homem já em crise física antes mesmo de partir, esqueci-me completamente de levar a minha pedra pessoal, símbolo dos muitos fardos que carrego comigo.

Durante alguns segundos, penso que foi um fracasso espiritual bastante grave. Depois, olho para a minha mochila, para os meus joelhos e para o meu estado psicológico geral e concluo que já estou a transportar material suficiente, sem necessidade de mais contributos minerais.

O local despojado, porém, tem realmente algo de místico que atrai e comove o viajante.

Os peregrinos falam baixinho. Alguns choram. Outros permanecem em silêncio. Outros ainda tiram fotografias, procurando, simultaneamente, espiritualidade e iluminação.

Nós também ficamos ali alguns minutos sem dizer grande coisa. No caminho para Santiago, isto acontece muitas vezes: pessoas normalmente tagarelas ficam subitamente em silêncio perante certas paisagens ou certos símbolos, por respeito, por fé ou por gratidão.

O vento sopra forte na colina e agita as bandeiras, as fitas e as pequenas recordações deixadas por peregrinos de todo o mundo. E, ao olhar para aquela montanha de pedras, penso que o Caminho, no fundo, é também isto: milhões de pessoas que chegam carregando nos ombros fadigas, medos e esperanças, e tentam deixar pelo menos uma parte disso ao longo do percurso. Mas o Caminho, como sempre, não permite demasiada poesia gratuita.

Depois da emoção, apercebemo-nos de que, apesar de serem cinco da tarde, temos de continuar a caminhar mais vinte quilómetros intermináveis, para encontrar um albergue com lugares disponíveis. E esses vinte quilómetros, depois de toda a subida, pelo menos para mim, parecem um troço dos Himalaias. Felizmente, estou com os meus amigos!

Nessa altura, apercebemo-nos de outro pormenor que não é propriamente insignificante: em vez dos vinte e cinco quilómetros previstos, acabámos por percorrer quarenta e cinco, ao final do dia.

Quarenta e cinco.

Uma distância que, na noite anterior, nos teria parecido absolutamente irracional e que, em vez disso, o Caminho faz com que aceitemos lentamente, quase com resignação filosófica. A certa altura, até deixamos de nos perguntar quantos quilómetros faltam. Sobrevivemos por etapas: a próxima aldeia, a próxima fonte, o próximo café.

Chegamos exaustos a El Acebo, ao nosso novo albergue que tem até piscina, a qual, obviamente, não usamos. Está vento, está frio, as mãos estão geladas e o rosto está devastado pelo cansaço. Mas estamos felizes. É aquela felicidade simples e um pouco primitiva que só surge quando finalmente tiras a mochila das costas e percebes que, por hoje, conseguiste.

Sexta-feira, 15 de maio: Ando

Decidimos não tomar o pequeno-almoço no albergue, mas parar talvez mais adiante.

De repente, numa caravana transformada em bar, encontramos o Tony, um rapaz francês muito simpático que nos prepara um café a sério, feito na cafeteira, daqueles que não te perguntam como estás: simplesmente põem-te de novo a funcionar. O Tony tem aquele ar de homem que, provavelmente, sabe consertar uma mota, um casamento e um sistema de canalização usando a mesma chave de fendas.

Ao chegarmos a Molinaseca, fazemos uma pequena pausa e admiramos, com o habitual espanto já quase profissional do peregrino, mais uma ponte romana. No Caminho, as pontes romanas apresentam-se com a mesma frequência com que alguém tira o telemóvel para fotografar uma vaca: inevitáveis e sempre acompanhadas por um silêncio respeitoso, como se também nós tivéssemos de nos mostrar à altura dos dois mil anos que nos observam.

E, todas as vezes, admito, desperta também em mim um pequeno orgulho nacional. Porque, como italiano,

ver uma ponte romana ou um aqueduto ainda ali, em solo ibérico, após séculos de guerras, chuvas, invasões e peregrinos suados, suscita inevitavelmente um pensamento muito pouco espiritual, mas profundamente patriótico: «Mas estes romanos, que povo!»

Entretanto, nós, civilização moderna e avançada, inauguramos frequentemente infraestruturas que, passados seis meses, já apresentam fissuras, desvios e uma investigação parlamentar em curso.

Quase a chegar a Ponferrata, durante uma pausa, encontramos um peregrino japonês. Pequeno, sorridente, extremamente educado.

Apresenta-se com uma ligeira reverência:
— *I'm Ando*[14].
Depois, provavelmente percebendo o nível cognitivo já comprometido dos peregrinos após tantos quilómetros, acrescenta imediatamente:
— *Like «andar» in Spanish!*[15]

Genial.

Em cinco minutos, começo a pensar em perguntas do tipo: «Ando vai?», «Ando come ainda?», «Ando parte cedo amanhã?»

[14] N.T.: Chamo-me Ando.
[15] N.T.: Como «*andar*» em espanhol!

Parece mais um verbo conjugado do que uma pessoa.

Ao chegarmos a Ponferrada, o castelo dos Templários parece quase teatral, ali situado como um cenário medieval montado para nos lembrar que a Europa, antes dos voos *low cost* e das palavras-passe a mudar a cada três meses, era feita de homens-guerreiros, que atravessavam continentes com espadas e fé.

Despeço-me dos amigos de Bussoleno e sigo em direção a Cacabelos, um nome que provoca reações inevitavelmente imaturas em nós, italianos.

Porque o Caminho pode até ser uma experiência espiritual, cultural e introspetiva, mas basta um nome vagamente ambíguo para fazer com que um grupo inteiro de adultos regrida ao nível emocional de uma visita de estudo do ensino básico.



Os meus amigos de
Bussoleno: Gino, Lorenzo,
Claudio e Maurizio

Sábado, 16 de maio: a última caminhada e aquele «*allez*» sussurrado…

Dormi muito bem. Aquele sono profundo do peregrino que nem sequer sonha: simplesmente desliga-se como um telemóvel com 2% de bateria. Acordei na vilazinha de Cacabelos, onde, às sete da manhã, os pássaros cantam cheios de entusiasmo, enquanto nós, peregrinos, mal conseguimos calçar os sapatos e dar os primeiros passos.

Felizmente, um excelente *desayuno* restabelece a ordem no sistema digestivo e no nervoso.

Dirijo-me para a primeira verdadeira montanha da Galiza: *O Cebreiro*. Só o nome já soa como algo que tem de ser merecido. Todos falam dela com aquela mistura de respeito e intimidação reservada às grandes subidas do Caminho.

— Lindo! — dizem sempre. O que, na linguagem dos peregrinos, significa: prepara-te para sofrer perante panoramas espetaculares.

Os quilómetros são muitos e, por uma vez, decido usar também o cérebro, além das pernas: reservo um

albergue a cerca de 35 quilómetros de distância, em Herrerías, para ter a certeza de encontrar uma cama antes da grande subida da montanha. Com o tempo, desenvolve-se uma forma de sabedoria muito concreta: é melhor enfrentar as crises espirituais debaixo de um teto seguro.

Ao caminhar sozinho, o ritmo muda. Nenhuma conversa, nenhum compromisso quanto à velocidade, nenhuma diplomacia de grupo. Apenas o ruído dos passos, a respiração e aquela estranha sensação que faz com que, após algumas horas, a mente deixe de pensar de forma linear e comece, em vez disso, a divagar. No Caminho, os pensamentos não chegam por ordem: pedem boleia e acumulam-se como detritos de uma avalanche.

E, entretanto, à minha frente, *O Cebreiro* espera. Imóvel. Tal como as montanhas fazem quando sabem muito bem que, no fim, serás tu a ter de ceder.

Atravesso vinhas que se estendem até ao horizonte. Filas perfeitas, estendidas pelas colinas com aquela calma ancestral que só o campo conhece. E, de repente, vêm-me à mente as vinhas da pequena aldeia em Irpinia onde viviam os meus avós, aquelas que eles cuidavam com uma dedicação que, na altura, me parecia normal e que hoje compreendo ser quase heroica.

Era belíssimo ver as vinhas verdes. Mas ainda mais belo colher as uvas. As mãos sujas, o sol a bater, as caixas demasiado pesadas que, quando era criança, pareciam tarefas titânicas e que os adultos, pelo contrário, levantavam com uma naturalidade desarmante. Como gostaria de voltar, por algumas horas, àqueles tempos. Não tanto para ser jovem — o que é sobrevalorizado quando se tem bolhas nos pés —, mas para reencontrar aquele tempo em que o futuro estava muito longe e o presente bastava.

Enquanto caminho, penso no esforço dos camponeses. Um esforço silencioso, quotidiano, sem aplausos finais. Mesmo hoje, com os tratores e a tecnologia, continuam, no entanto, reféns do céu. Basta uma granizada repentina, uma chuva inoportuna, um vento adverso, e meses de trabalho podem desaparecer em meia hora.

Nós, citadinos, queixamo-nos se o Wi-Fi fica lento durante três minutos; eles olham para as nuvens com o nível de ansiedade de quem sabe que ali dentro pode estar o destino de um ano inteiro.

Estou no Bierzo. Não conhecia esta região nem a respetiva denominação de origem vinícola. Quando penso nos vinhos espanhóis, só me vêm à cabeça os vinhos da Rioja, tal como acontece com todos aqueles que acreditam conhecer um país só porque viram dois rótulos no supermercado.

No entanto, esta terra espanhola é maravilhosamente variada. Vinhas esplêndidas, colinas suaves, pequenas aldeias que parecem ter saído de um tempo mais lento. E, apesar da minha ignorância enológica, estou convencido de que o vinho aqui produzido é excecional, porque certas terras não podem produzir vinhos medíocres. Seria quase ofensivo.

Continuo o meu caminho. E, à medida que avanço, apercebo-me de que o Caminho também faz isto: devolve-te memórias que pensavas estarem arquivadas, como garrafas antigas esquecidas na adega. Algumas, ao abri-las, ainda cheiram a casa.

Chego a Villafranca del Bierzo. Sozinho, embora permaneça constantemente em contacto com o Gino e os outros amigos.

Depois de dezenas de quilómetros, entro no primeiro café que encontro e consolo-me com um chocolate quente e *churros* simplesmente fabulosos. Uma combinação que, do ponto de vista nutricional, provavelmente faria desmaiar qualquer nutricionista, mas que, naquele momento, tinha o mesmo valor emocional de um abraço materno. Os *churros* desaparecem a uma velocidade incompatível com a dignidade de um homem adulto.

Revigorado na alma e na glicemia, retomo a viagem aos poucos até chegar finalmente à Galiza, que logo me surpreende: contra todas as previsões, todos os avisos sobre o tempo, há sol e está calor.

Uma agradável surpresa após semanas de chuva, onde eu teria imaginado trovoadas, vento e roupa húmida; em vez disso, o ar cheira a erva seca e a eucalipto, e as estradas de terra batida brilham ao sol. Por um momento, quase me ocorre a suspeita de ter acabado por engano na Galiza de um folheto turístico.

Depois, vejo um senhor idoso parado ao longo do trilho, encostado a um murete de pedra.

A mochila chama-me logo a atenção.
É demasiado grande.
Demasiado pesada.
Uma mochila desproporcional em relação àquele corpo magro, frágil, marcado pelos anos.

Bebe lentamente de uma garrafa de água, com as mãos a tremerem ligeiramente. Respira devagar, como se até respirar exigisse atenção.

Paro e pergunto-lhe se está bem.

Ele levanta os olhos para mim e responde-me com gentileza:
— *Oui, oui… allez*. Vai em frente.

Di-lo quase a sorrir, como fazem certas pessoas idosas que não querem incomodar nem ser incomodadas.

Retomo o caminho, mas, após alguns passos, continuo a virar-me para trás.

Há algo naquele homem que me fica na memória: talvez o cansaço e a solidão ou, talvez, a forma obstinada como se mantém de pé apesar de tudo.

Após apenas alguns quilómetros, paro na esplanada de um pequeno café ao longo do caminho, em Trabadelo. Reparo em duas raparigas: uma italiana, a Patrizia, já entusiasmada com a sua primeira caminhada e com a decisão recém-tomada, na esteira de tanta euforia, de se demitir quando regressar, e uma francesa, a Charlotte. Bebemos algo, conversamos distraidamente, como peregrinos cansados.

Depois, a certa altura, ele chega.

O velhinho.

Ainda me lembro do alívio quase absurdo que senti ao vê-lo. Uma felicidade desproporcionada, irracional. Como se, inconscientemente, temesse que ele pudesse desaparecer a qualquer momento ao longo daquele caminho.

Senta-se em silêncio, não muito longe de nós. Tem o rosto marcado, os olhos brilhantes de cansaço, mas também uma dignidade enorme. Aquela dignidade silenciosa que certas pessoas idosas têm quando continuam a caminhar, mesmo que o corpo implore para parar.

Mais tarde, retomo o caminho juntamente com as duas raparigas.

E é então que a Charlotte me conta que o conhece. Tinha falado com ele no dia anterior.

Tem oitenta e um anos, é francês e viúvo.

Há alguns anos, fez o Caminho com a esposa.

Quando ela me conta isso, sinto um aperto repentino no peito.

A rapariga continua a falar baixinho, quase com delicadeza, como se estivesse a contar algo muito sensível que merece respeito e discrição.

Após a morte da mulher, ficou sozinho. A família queria mandá-lo para um lar de idosos. Mas ele não conseguia aceitar isso. Assim, pegou na sua velha mochila e partiu novamente para Santiago.

Quase não dizia nada. Limitava-se a caminhar.

Lembro-me do silêncio que se instalou entre nós enquanto ouvia aquela história.

Porque, naquele momento, tive uma sensação repentina, terrível e profundamente humana: que aquele homem talvez não estivesse a caminho de Santiago.

Talvez estivesse simplesmente à procura de um último lugar onde ainda se sentisse vivo.

Ou talvez — e este pensamento ainda hoje me faz refletir — esperasse morrer ali, no Caminho, ao longo daquelas estradas percorridas anos antes ao lado da mulher que amava.

Não num quarto anónimo, talvez em frente a uma televisão ligada, à espera lentamente do fim. Mas a caminhar, com a sua mochila demasiado pesada, com a sua teimosia e com as suas memórias.

E, desde então, guardo isso dentro de mim.

Porque no Caminho encontras pessoas que talvez venhas a esquecer. E depois, encontras outras que ficam contigo durante anos porque a história delas te marcou para sempre na alma.

Dele lembro-me de pouco: o rosto cansado, as mãos trémulas, aquele «*Allez*» dito quase em voz baixa.

Ainda hoje pergunto-me se ele terá realmente chegado a Santiago.

Domingo, 17 de maio: o «*chuletón*» fatal

Chego a Herrerías, onde acabo por conversar com duas pessoas muito simpáticas: a Renata e a Beatrice.

A Renata já tinha percorrido uma parte do Caminho anos antes e, evidentemente, essa experiência tinha-lhe ficado gravada no coração, como só acontece com aquilo que realmente importa. Desta vez, porém, voltou acompanhada: conseguiu convencer o amor da sua vida a acompanhá-la, para partilhar as mesmas paisagens, o mesmo esforço e talvez até aquela estranha felicidade que surge quando se caminha durante horas sem saber bem porquê, mas sentindo que faz sentido fazê-lo.

Observo-as a conversar e a sorrir com aquela cumplicidade tranquila dos casais que se dão bem mesmo em silêncio. O que, aliás, é uma das provas definitivas do amor verdadeiro: conseguir suportar-se um ao outro após vinte quilómetros de subida, suor, mochilas malcheirosas e discussões logísticas sobre onde carimbar a credencial.

Ambas têm aquela energia luminosa típica de certas pessoas que conseguem fazer-nos sentir imediatamente à vontade. Passado algum tempo,

despedimo-nos, convencidos de que nos voltaríamos a encontrar de qualquer forma algures ao longo do caminho.

Despeço-me da Maria, a proprietária da pensão onde estou hospedado. Ex-futebolista, ainda apaixonada por futebol, que fala de desporto com a mesma seriedade com que outros falam de religião ou de política internacional. No Caminho, descobre-se que cada pequena aldeia esconde histórias inimagináveis: atletas, músicos, cozinheiros, filósofos disfarçados de donos de cafés.

Estes pensamentos fazem-me companhia quando começa a terrível subida até La Faba.

Primeiro, numa estrada asfaltada, quase enganadora na sua aparente suavidade. Depois, o caminho antigo, o verdadeiro, aquele que, lentamente, te faz lembrar porque é que *O Cebreiro* é pronunciado pelos peregrinos com o mesmo tom respeitoso com que se referem a certos exames universitários traumáticos ou às maratonas.

A montanha nunca grita. Consome-te lentamente. Passo a passo.

Encontro um cartaz que anuncia, quase com orgulho, que o troço que estou prestes a percorrer permaneceu praticamente idêntico ao utilizado pelos peregrinos há séculos.

Uma daquelas informações que, lidas em casa no sofá, parecem românticas. No local, porém, assumem o tom de uma ameaça.

Após alguns metros, percebo que os historiadores não estavam a exagerar.

O trilho é realmente antigo. Tão antigo que parece não ter recebido manutenção desde os tempos de Carlos Magno.

Caminho entre pedras, lama e trechos escorregadios que transformam cada passo numa aposta. Avanço inclinado para a frente, agarrado aos bastões de caminhada e, inevitavelmente, penso nos peregrinos medievais.

Mas como é que eles conseguiam?

Estou equipado como uma expedição aos Himalaias patrocinada: sapatos técnicos, casaco impermeável, mochila ergonómica, chapéu, protetor solar, creme antibolhas, cantil com filtro e uma quantidade de acessórios tal que me faz parecer menos um peregrino e mais uma loja ambulante de artigos desportivos e produtos farmacêuticos. No entanto, estou a sofrer.

Eles, por outro lado, enfrentavam estas montanhas com sapatos de couro rígido, capas de lã encharcadas e

uma cobertura sanitária que se baseava principalmente na proteção dos Santos.

Talvez fossem mais resistentes. Talvez tivessem sobrevivido a guerras, fomes e epidemias e possuíssem uma resistência que hoje faria empalidecer qualquer atleta profissional.

Ou simplesmente morriam e as críticas negativas não chegaram até nós.

A certa altura, escorreguei ligeiramente numa pedra e só consegui evitar a queda graças a uma manobra que mais se assemelhava a uma coreografia contemporânea do que a uma caminhada.

Olho à minha volta para verificar se ninguém assistiu à cena.

Obviamente, há, pelo menos, cinco peregrinos. Todos sorriem com aquela expressão de solidariedade que significa:
«Não te preocupes, isso também já nos aconteceu.»
O que, no Caminho, é a versão elegante de:
«Tiveste muita sorte em não cair de cara na lama.»

Quando, finalmente, o caminho melhora, olho para trás e sinto um respeito sincero por aqueles peregrinos que o percorreram há mil anos.

Mas, depois, penso que, se pudesse realmente escolher entre a espiritualidade medieval e um par de sapatos novos de caminhada, escolheria estes últimos sem o menor conflito interior.

Chego a La Faba já fatigado e paro imediatamente para uma pausa estratégica: café expresso ou tortilha, ou ambos? A esta altura, o meu organismo funciona segundo um princípio muito simples: hidratos de carbono, cafeína e esperança.

Retomo a caminhada. A subida continua. A respiração fica ofegante, as pernas protestam abertamente, a mochila parece, de repente, cheia de tijolos molhados. Apesar de tudo, continuo. No Caminho, aprende-se que o corpo tem muito mais reservas do que imaginamos. É a cabeça que, muitas vezes, desiste primeiro.

Finalmente, chego ao cume de *O Cebreiro*.

E percebo imediatamente porque é que todos falam dele como de um lugar quase místico. As casas, poucas, na verdade, parecem saídas de outra época: baixas, redondas, antigas, construídas para resistir ao vento, ao frio e, provavelmente, também às opiniões nas redes sociais. Visito a igreja, simples e austera, com aquela espiritualidade discreta que aqui ainda parece autêntica. Sem efeitos especiais. Apenas silêncio, pedra e séculos.

Lá fora, a vista compensa tudo. Ou quase tudo. Porque a dor no tendão e nos músculos não parece particularmente impressionada com a beleza da paisagem.



Galiza: O Cebreiro

Percorro quilómetros de estrada, paro em alguns cafés e noto, para minha alegria, que quanto mais nos adentramos na Galiza, mais grossas ficam as tortilhas.

Chego ao fim da tarde a Triacastela. Mal tenho tempo de deixar a mochila no albergue e dirijo-me ao restaurante da vila com as melhores críticas.

Entro, sento-me e digo ao empregado que não quero o menu do peregrino. Quero carne, proteínas, ferro.

Ele olha para mim com aquela expressão típica dos espanhóis quando percebem que o peregrino à sua frente já ultrapassou a fronteira entre a fome e o delírio metabólico.

Sugere-me um *chuletón*.

Depois, ao ver-me sozinho, sente-se moralmente obrigado a esclarecer:
— Um quilo e duzentos gramas… com osso incluído,

claro!

Um quilo e duzentos gramas.

Praticamente um pequeno bovino.

Mas eu, cheio de falsa segurança e totalmente alheio à medicina interna, respondo imediatamente:
— *No te preocupes!*

E já que estou nisso, acrescento ainda:
— *Tráeme patatas y pimientos de Padrón también*.

Nessa altura, acho que o empregado começou a considerar-me mais um caso clínico do que um cliente.

É decididamente demais. Mas eu não tenho uma fome normal.

Tenho aquele vazio cósmico do peregrino que emerge após escalar uma montanha por uma encosta íngreme e por um antigo *trail*: um estado físico em que o corpo deixa de distinguir entre alimentação, sobrevivência e ataque preventivo às reservas alimentares da Galiza.

E enquanto vejo chegar à mesa aquela quantidade enorme de carne, ocorre-me um pensamento muito simples, muito humano e sincero: talvez a felicidade, por vezes, seja apenas isto. Estar morto de cansaço, ter fome a sério e ver a aproximar-se de ti um *chuletón* do tamanho de um colchão ortopédico.

O empregado de mesa oferece-me também vinho.

A mim. Que não bebo.

Nesta altura, evidentemente, acho que emito a energia espiritual de alguém que pode, com tranquilidade, começar a beber diretamente de um barril.

E, de qualquer forma… como tudo, com uma disciplina e uma determinação que, na minha vida, acho que só alcancei em raras ocasiões.

Mas, depois, vêm as consequências: uma espécie de colapso gastrointestinal místico.

Uma indigestão tão violenta que, durante cerca de meia hora, estou realmente convencido de que vou morrer.

Deitado na cama do albergue, com suores frios, começo a imaginar o meu fim no Caminho.

Já vejo a lápide:
«Aqui jaz Michele Colucci.
Peregrino.
Caído heroicamente perante um *chuletón*.»

Que fim ignóbil! Sobreviver aos Pirenéus, às bolhas nos pés, a quarenta e cinco quilómetros por dia… e morrer por excesso de entusiasmo bovino.

Rezo a Deus, à Nossa Senhora de Montevergine, a Santiago, a São Genaro e a todos os santos que me vêm à mente.

Juro solenemente que, se sobreviver a esta noite, comerei pelo resto da minha vida com moderação e sobriedade.

O milagre acontece, durmo muito bem e, obviamente, acordo com a mesma fome do dia anterior.



O *chuletón* fatal!

Segunda-feira, 18 de maio: uma pequena humanidade cansada e feliz

O sol brilha, finalmente. Um sol galego luminoso e generoso que, quando decide aparecer, parece melhorar instantaneamente o humor de toda a humanidade peregrina.

O ambiente entre nós é, de facto, alegre, apesar do cansaço persistir, mas, a certa altura, cria-se uma espécie de alegria coletiva inexplicável. Talvez porque aqui todos estejam a seguir na mesma direção, e isso, por si só, já é extremamente raro na vida.

Encontro o James e o Steven, dois velhos amigos ingleses. Ou melhor: ingleses de origem, porque o James já vive há vinte anos na Nova Zelândia. E só isso já me parece uma história extraordinária. Dois amigos que decidem fazer juntos o Caminho depois de uma vida passada em separação distante, nos dois extremos do planeta. Algumas amizades resistem ao tempo e aos continentes melhor do que certos casamentos europeus com hipoteca partilhada.

Chegamos a um pequeno local de descanso para peregrinos onde se pratica ioga e se oferece comida e

bebida em troca de uma simples doação, se assim se quiser. Nenhum preço obrigatório, nenhuma caixa de pagamentos agressiva, nenhum «menu de degustação». Apenas acolhimento incondicional e confiança absoluta no próximo. Uma dimensão das relações humanas que, no mundo moderno, parece cada vez mais rara.

Isto impressiona-me sempre no Caminho: aqui ainda existe uma economia da gentileza que opera segundo mecanismos misteriosos, mas funciona. Alguém oferece algo sem saber quem tu és e tu retribuis com um gesto espontâneo, sem te sentires obrigado. Por alguns minutos, o mundo parece lembrar-se de que nem tudo tem de ser monetizado até ao último cêntimo.

Ao longo do caminho, encontramos o Rafael, um rapaz grego com a sua melódica. E só esta frase já parece o início de um filme independente premiado num festival. O Rafael caminha e toca. De vez em quando, para, sorri, improvisa algumas notas. E, de repente, o trilho transforma-se. Porque basta um pouco de música no meio da floresta para nos lembrar que os seres humanos, apesar de tudo, ainda sabem criar beleza gratuita.

Chegamos às portas de Sárria e despeço-me dos meus amigos ingleses, atraído pelo desejo de comer *Pulpo a la Gallega*! Que delícia! Tenro, perfeito, temperado com

simplicidade absoluta. A cozinha espanhola, tal como a italiana, tem esta qualidade maravilhosa: quando o produto é bom, não sente necessidade de se disfarçar de outra coisa.

Em Sárria, o Caminho muda de ares: aumentam os peregrinos e as mochilas novas, multiplicam-se as pessoas que caminham com um ar revigorado, como se tivessem acabado de sair de um anúncio de sapatos de caminhada. Nós, os veteranos, por outro lado, reconhecemo-nos imediatamente pelo olhar ligeiramente desgastado e pela forma como nos sentamos lentamente para não deixar os joelhos cederem.

Decido continuar: atravesso bosques e pastagens verdes, com erva alta e densa que se tornará feno para alimentar o gado.

A Galiza torna-se aqui quase hipnótica: trilhos sombreados, muretes de pedra, vacas imóveis que observam os peregrinos com a expressão paciente de quem compreendeu tudo na vida, mas decidiu não te explicar.

No final, percorro uns bons 46 quilómetros. Quarenta e seis. Uma distância que, na vida normal, exigiria um plano logístico, suplementos e talvez até um pouco de apoio psicológico. Aqui, porém, considero-a quase

um «dia intenso, mas exequível». O Caminho altera completamente a perceção da realidade.

Pelo caminho, encontro um casal francês que parece ter encontrado o compromisso perfeito.

Ela faz o Caminho a pé. Ele segue-a numa caravana.

Todas as noites reúnem-se, jantam juntos e dormem confortavelmente.

Observo a cena com sincera admiração.

Depois de quase oitocentos quilómetros a pé, surge-me a dúvida de que o verdadeiro peregrino genial não seja a mulher que caminha, mas sim o marido que, sem nunca ter colocado a mochila às costas, conseguiu fazer com que também a sua viagem fosse um autêntico Caminho de Santiago.

Exausto, mas feliz, chego finalmente à pitoresca Portomarín: nos anos 60, para construir a barragem de Belesar no rio Miño, a antiga vila foi submersa pelas águas. Antes da inundação, os habitantes desmontaram, pedra a pedra, os edifícios mais importantes e reconstruíram-nos na colina acima.

Sento-me na praça e esqueço o pecado da gula que controlava a dieta dos pobres naquela época e talvez

até agora. No restaurante, peço novamente *pulpo a la gallega*, mas também *pimientos de Padrón*, calamares fritos e uma cerveja sem álcool.

À minha volta, peregrinos, ruídos, copos, risos, mochilas encostadas por todo o lado. E, ao olhar para a praça, ocorre-me que talvez o verdadeiro luxo não seja o silêncio absoluto nem os hotéis perfeitos.

Talvez o verdadeiro luxo seja sentir-me parte, mesmo que apenas por uma noite, de uma pequena humanidade cansada, mas feliz.



Na Galiza, sob um sol inesperado… finalmente!

Terça-feira, 19 de maio: o caminho ganha um novo brilho

Acordo com um pensamento que surge ainda antes do barulho das mochilas e dos passos no corredor do albergue: hoje é o aniversário da minha filha, Giulia.

E, repentinamente, o Caminho ganha um novo brilho.

Porque podes atravessar montanhas, chuva, silêncios, cansaço, podes até convencer-te, durante algumas semanas, de que te tornaste uma espécie de peregrino exemplar, capaz de viver apenas com duas camisolas, uns calções e um cantil… mas basta o pensamento da tua filha para que voltes imediatamente a ser pai.

Penso nela recém-nascida, nos seus sorrisos, nos aniversários organizados à pressa entre o trabalho e a vida quotidiana. E, em vez disso, desta vez estou aqui, numa estrada da Galiza, a centenas de quilómetros de distância, enquanto ela continua a crescer sem se importar com o passar do tempo.

E é uma sensação estranha, doce e melancólica ao mesmo tempo, que todos os pais conhecem bem: perceber que os filhos atravessam a nossa vida como um milagre muito lento, enquanto nós, distraídos, tentamos simplesmente acompanhá-los.

Há semanas que caminho à procura de algo que até me custa explicar, mas, em momentos como este, compreendo que o sentido da minha vida tem simplesmente o nome dos meus filhos.

Depois, logo a seguir a esta reflexão paterna tão elevada, cheia de amor e espiritualidade, surge um segundo pensamento muito preciso, concreto e decididamente menos poético: tenho de tratar da roupa suja.

Cheguei àquela fase do Caminho em que o guarda-roupa já não se divide entre «limpo» e «sujo», mas sim entre «ainda socialmente aceitável» e «inaceitável». Praticamente, já não tenho nada para vestir.

Dirijo-me, portanto, à lavandaria do albergue vizinho ao meu e, enquanto as máquinas giram, tomo um pequeno-almoço farto, que já se tornou quase um ritual: *tostada* com tomate e presunto. Já não consigo passar sem ele.

No início do Caminho, pensava que a iluminação espiritual viria através do silêncio, da meditação ou das grandes subidas. Na realidade, uma parte importante da minha evolução pessoal está a passar pelo pão torrado, pelo tomate picado e pelo *jamón* ibérico. Espanha também nos muda assim.

Quando, finalmente, a roupa está lavada e seca, sinto uma satisfação desproporcionada. Dobro-a com cuidado, arrumo-a na mochila e, de repente, dou por mim a cantar a plenos pulmões *Bonito*, dos Jarabe de Palo:

— *Bonito, todo me parece bonito…*

Lavo a roupa e fico contente! E o que me preocupa é que estou mesmo contente.

O Caminho reduz a felicidade aos elementos essenciais: uma cama livre, um prato quente, pés que, afinal, ainda funcionam e roupa limpa. Sem tudo o que é supérfluo, percebe-se que o ser humano é surpreendentemente fácil de contentar.

Ao longo do caminho, encontro outros italianos. Outras histórias, outros destinos, outras vidas temporariamente suspensas neste longo corredor humano em direção a Santiago. Ficamos logo amigos e, três minutos depois, já estamos a falar de comida, da família e dos problemas estruturais do país.

Mas a surpresa mais bonita do dia é o Abies: um burrinho peregrino.

Chegou diretamente de Lourdes, em França, juntamente com o seu dono, Laurent, um homem que, para mim, se parece incrivelmente com o Richard Gere,

precisamente daqueles filmes em que parece estar sempre prestes a partilhar sabedoria enquanto contempla o horizonte. Ele, por sua vez, diz-me que, segundo os seus amigos, se parece com o Zinédine Zidane.

Eu, diplomaticamente, decido ver as duas figuras: Richard Gere, mas que fez a pré-temporada do Real Madrid.

Sob o olhar atento e cheio de amor do seu dono, Abies caminha tranquilo, muito sério, com aquela dignidade serena que só os burros possuem. E, enquanto o observo, penso que talvez tenhamos subestimado profundamente este animal durante séculos. Os burros não têm pressa, não fazem *marketing* pessoal, não lançam *podcasts* motivacionais. Simplesmente seguem em frente. Uma filosofia extremamente respeitável.

Na verdade, ao observar o Abies ao longo do caminho, surge-me também a suspeita de que ele é o verdadeiro peregrino do grupo e que nós, seres humanos, caminhamos ao seu lado apenas como uma complicação secundária. Ele não parece atormentado pela necessidade de «reencontrar-se», não conta os quilómetros, não consulta o Booking, não compara botas técnicas e não fotografa o pôr-do-sol para provar aos outros que é espiritual. Caminha, come, observa o mundo e recebe sempre uma carícia.

Aliás, se pensar bem, isso poderia ser uma definição bastante convincente de um estado de felicidade.

Mais adiante, sentados num café, encontro a Cristiana e alguns dos seus amigos.

Estão alegres, sorridentes, cheios de energia e parecem enfrentar o Caminho com uma serenidade que eu, após semanas de tendinites e lutas diárias com os meus joelhos, considero quase sobrenatural.

A Cristiana dirige uma academia de ioga e organizou para o grupo algumas sessões de ioga ao longo do Caminho.

Confesso que a notícia me deixa fascinado e me faz refletir.

Na minha imaginação, a peregrinação medieval envolvia chuva, lama, orações, pão duro e crises existenciais ocasionais.

Não tinha considerado a possibilidade da postura do guerreiro entre duas setas amarelas ou da saudação ao sol com vista para as colinas da Galiza. Assim, enquanto eu luto diariamente contra os meus músculos posteriores da coxa e contra a lei da gravidade, eles parecem viver numa dimensão de equilíbrio físico e espiritual decididamente mais avançada.

Após uma breve paragem, chego a Palas de Rei, a 67 quilómetros de Santiago. Pela primeira vez, o fim parece quase real. E esta sensação é estranha. Porque, após semanas de caminhada, o Caminho torna-se a normalidade e a ideia de que possa acabar parece quase absurda.

Aqui, encontro o Fabio, um amigo meu que não via há quinze anos. Tendo aterrado alguns dias antes em Bilbau, devido a uma dor na anca, decide fazer uma parte do Caminho de autocarro.

Ficamos juntos apenas duas mas intensas horas. Conversamos imenso e relembramos alguns momentos das nossas vidas. E, dentro de mim, sinto aquela doce melancolia dos momentos breves, mas autênticos.

Depois, despedimo-nos: ele rumo ao seu albergue e eu rumo ao meu, com a promessa de nos voltarmos a ver no dia seguinte.



O burrinho Abies e Laurent

Quarta-feira, 20 de maio: Santiago não vai fugir!

Tenho frio e, às cinco da manhã, as primeiras luzes brancas e vermelhas — aquelas terríveis luzes das lanternas frontais dos peregrinos matinais — começam a iluminar o quarto como se fosse uma incursão da polícia científica.

A cada feixe de luz que me aponta à cara no meio da noite, sinto a sensação de ser suspeito de algum crime internacional grave, quando, na realidade, o meu único delito é ter ocupado uma cama perto da porta da casa de banho.

Já começo a acreditar que existe uma categoria específica de peregrinos convencidos de que o Caminho é também uma competição clandestina para ver quem consegue partir antes do amanhecer.

Observo-os do meu saco-cama com a expressão de um veterano de guerra e com uma única pergunta existencial: mas para onde é que têm de ir tão cedo? Não está calor. E, além disso, Santiago não vai fugir!

Saio finalmente do albergue e tomo o pequeno-almoço no silêncio mental típico das primeiras horas, quando

o cérebro ainda não decidiu se vai colaborar ou não.

Depois, de novo em marcha rumo a Santiago.

Procuro alojamento em Arzúa, mas está tudo lotado. Nos últimos quilómetros, o Caminho muda completamente de atmosfera: chegam novos peregrinos, estudantes, grupos organizados, gente cheia de energia que ainda cheira a gel de banho e otimismo.

E, de facto, ao longo do caminho, juntam-se turmas inteiras de alunos espanhóis. E é bonito ver os jovens a rir, a cantar, a gozar uns com os outros, a caminhar juntos. De vez em quando, alguém corre à frente, outro arrasta a mochila como se fosse um trauma familiar.

Dá-me ternura vê-los. E também um pouco de inveja. Têm aquela energia adolescente que lhes permite percorrer trinta quilómetros, comer uma sanduíche duvidosa e recuperar completamente em seis minutos.

Eu, pelo contrário, quando me sento para fazer uma pausa, tenho primeiro de fazer uma pequena avaliação técnica para perceber se conseguirei levantar-me sem ajuda mecânica.

Passo rapidamente por Arzúa e sigo em frente, porque só encontro alojamento depois dos quarenta quilómetros, em A Salceda.

Mais florestas maravilhosas, trilhos suaves, eucaliptos, aquela Galiza húmida e verde que parece respirar lentamente a par dos peregrinos.

Chego cedo o suficiente para ainda conseguir ver o Fabio, o meu amigo «autocarro-peregrino», como já lhe chamo carinhosamente. Apenas mais uma hora juntos, mas repleta de afeto.

Comemos rapidamente e, depois, o Fabio apanha o autocarro para Santiago e, de lá, seguirá para Madrid. Despedimo-nos com aquela estranha simplicidade do Caminho, onde até as despedidas mais sinceras permanecem leves. Ninguém faz grandes cenas. Sabe-se que a viagem continua de qualquer forma, apenas por caminhos diferentes.

Volto para o albergue morto de cansaço, com aquela sensação de exaustão em que tirar os sapatos exige a mesma concentração mental que uma delicada operação cirúrgica.

Entro no quarto e estão todos já a dormir. Silêncio absoluto. Três corpos imóveis, mochilas espalhadas, o clássico cheiro misto a pés, pomadas e redenção espiritual.

Como cheguei em último, mais uma vez tenho de subir para o colchão de cima do beliche, tentando não acordar ninguém.

Eu, depois de ter passado por esta tortura várias vezes durante o Caminho, movo-me com a cautela de um ladrão profissional dentro de um museu cheio de alarmes.

Finalmente, consigo subir.

E lá encontro um cobertor quente, macio, perfeito.

Naquele momento, sinto uma felicidade absoluta e penso seriamente que as grandes filosofias ocidentais subestimaram o poder emocional de um bom cobertor depois de 40 quilómetros.

Adormeço como um anjinho. Um anjinho muito cansado e com os joelhos destruídos, mas, mesmo assim, um anjinho.

Quinta-feira, 21 de maio – Parte 1: a Europa nasceu em peregrinação a Compostela

Acordo bem cedo, mas os ocupantes do meu quarto já desapareceram. Dissolveram-se. Evaporaram-se na noite como peregrinos ninjas, munidos de bastões de caminhada e insónia crónica.

Por alguns segundos, desfruto do silêncio absoluto do albergue vazio. Mas, depois, surge uma sensação estranha. Depois de semanas de roncadores em série, sacos barulhentos e lanternas de cabeça acesas a meio da noite, quase sinto saudades do caos. Quase.

Faço a barba, que tinha deixado crescer nos últimos dias, com cuidado, pensando que é preciso apresentar-
-me bem em Santiago. Não é todos os dias que se chega ao fim de uma peregrinação longa, extenuante, mas gratificante, pelo menos para o espírito.

A atmosfera está diferente hoje. Na rua, todos parecem mais leves, mais emocionados, quase elétricos. Alguns falam imenso, outros, pelo contrário, caminham em silêncio, como se estivessem a tentar prolongar mentalmente as últimas horas desta vida suspensa.

Durante o trajeto, converso com uma peregrina que já fez o Caminho Português e chega agora vinda do Primitivo. Ela conta-me das subidas, da chuva, do cansaço, dos encontros. E, enquanto a ouço, sinto nascer dentro de mim uma certeza silenciosa: farei outros caminhos. Muitos outros.

Porque Santiago cria dependência de uma forma muito particular. Depois, não é só a caminhada que nos faz falta. Faz-nos falta a simplicidade que caracteriza e rege o Caminho e o facto de cada dia ter um objetivo muito claro: seguir em frente e chegar à próxima etapa.

Chego a quatro quilómetros da catedral.

E dou por mim a fazer exatamente o contrário do que esperava: em vez de acelerar… abrando.

Paro várias vezes. Olho para o céu. Observo as pessoas. Prolongo as pausas sem necessidade.

Sinto o receio de que o Caminho esteja realmente a chegar ao fim. E que, com ele, também esteja prestes a desaparecer aquela simplicidade à qual me tinha rapidamente habituado.

E depois?

O que acontece quando se regressa à vida normal após semanas em que tudo era tão essencial? Quando os problemas se apresentam sob a forma de e-mails, horários, reuniões, notificações, trânsito, responsabilidades para gerir, expectativas para satisfazer?

No Caminho, basta pouco: uma cama, um banho quente, alguém com quem partilhar uma *cerveza* ou um pedaço de pão.

Continuo a caminhar devagar.

Também aqui as crianças na rua me cumprimentam com um sorriso:
— *Buen Camino, peregrino*!

E, de todas as vezes, esta simplicidade, acompanhada de grandes sorrisos, impressiona-me. Pessoas que não te conhecem, que talvez nunca mais voltes a ver, e que, no entanto, te encorajam com sinceridade. Como se o simples facto de caminhar merecesse respeito.

De repente, ao longo da *Rúa de San Pedro*, à entrada da cidade, reparei numa frase gravada na pedra, em várias línguas:
«A Europa nasceu na peregrinação a Compostela.»

Paro imediatamente. Leio-a uma segunda vez. Depois, uma terceira. Incrível!

Após centenas de quilómetros a pé, essa frase impressiona-me mais do que muitos monumentos. Porque, naquele momento, compreendo que o Caminho não é apenas um percurso religioso ou espiritual: é também uma das primeiras grandes experiências verdadeiramente europeias da história.

Durante séculos, homens e mulheres atravessaram o continente para chegar até aqui: italianos, franceses, alemães, belgas, holandeses, ingleses, portugueses, polacos e muitos outros. Caminhavam juntos sem falar a mesma língua, dormiam nos mesmos alojamentos, comiam nas mesmas mesas, enfrentavam os mesmos medos, o mesmo cansaço e o mesmo frio.

Muito antes do euro e de Schengen, já existia este povo de peregrinos que gozava de um estatuto especial que lhe permitia atravessar livremente fronteiras, culturas e diferenças, sentindo-se parte de algo superior e comum, que era o cristianismo católico ou universal.

Não sei se os pais fundadores da União Europeia, Robert Schuman, Jean Monnet ou Altiero Spinelli, alguma vez percorreram o Caminho. No entanto, estou convencido de que a Europa com que sonhavam se aproximava muito do espírito que aqui se respira.

Assim, o Caminho revela-se como a expressão mais europeia que já vi. Como funcionário das instituições da UE, ao ler essa frase sob o céu galego, sinto até uma espécie de emoção profissional. Após anos passados entre diretivas, regulamentos e longas reuniões, de repente a ideia de Europa volta a parecer-me simples, concreta e até humana.

Um grupo de desconhecidos que continua obstinadamente a caminhar na mesma direção, apesar das diferenças, do cansaço e das dificuldades. O que, pensando bem, já é quase um milagre.



A Europa nasceu numa peregrinação a Compostela

Quinta-feira, 21 de maio – Parte 2: simplesmente caminhei

De repente, lá está ela, a catedral: majestosa.

E eu, claro, desato a chorar. Eu sabia. Sabia mesmo que iria acontecer.

Durante semanas, imaginei este momento. Mas a realidade é muito mais poderosa do que qualquer fantasia.

Fico imóvel no meio da praça. À minha volta, há peregrinos que riem e choram ao mesmo tempo, que se abraçam e tiram fotografias. Alguns sentam-se no chão em silêncio e fixam o olhar na fachada, como se quisessem gravá-la para sempre na memória.

Tento tirar uma fotografia, mas as mãos tremem, devido à forte emoção. Tiro uma, depois outra, e depois baixo o telemóvel. Percebo que nenhuma imagem conseguirá realmente transmitir o que estou a sentir.

Tenho vontade de abraçar todos os peregrinos que estão na praça. Consegui e nem me parece verdade.

Penso nos quase oitocentos quilómetros percorridos, nas subidas intermináveis, nos amanheceres, nos rostos que acompanharam a viagem. Penso no Michele que partiu de Saint-Jean-Pied-de-Port há quase um mês, cheio de dúvidas e expectativas, e naquele que agora se encontra aqui, diante da catedral de Santiago, com alguns quilos a menos, algumas dores a mais e um olhar mais profundo sobre o mundo.

Sinto a minha respiração e desfruto da sensação maravilhosa e raríssima de estar exatamente onde desejava estar.

Quando chego ao hotel, a rapariga da receção olha para mim com aquela compreensão serena de quem vê peregrinos a chorar todos os dias e já considera perfeitamente normal que um homem suado, com a mochila às costas, se emocione diante da igreja.

Recebo o quarto, entro e deito-me na cama. Fico ali alguns minutos sem fazer nada.

Depois, envio uma foto da catedral à família e aos amigos. Pouco depois, recebo uma chamada de casa. Estão todos felizes por mim.

Falamos do Caminho, da chegada, dos quilómetros percorridos.

A certa altura, o meu filho diz-me simplesmente, e pela primeira vez:
— Pai, estamos orgulhosos de ti.

Sinto um nó na garganta. Tento responder com naturalidade, mas não consigo. Fico comovido e desato a chorar porque, naquele momento, percebo que o Caminho me deu muito mais do que esperava encontrar.

Depois, chegam muitas mensagens e felicitações. Parece-me quase exagerado.

Afinal, não escalei uma montanha nem atravessei um oceano. Não realizei feitos extraordinários.

Apenas fiz o que os seres humanos fazem há milhares de anos.

Simplesmente caminhei.

Passo a passo.

E talvez seja precisamente este o segredo do Caminho. Ele lembra-nos que quase tudo na vida se alcança assim. Não com grandes gestos heroicos, mas

colocando um pé à frente do outro, mesmo quando estás cansado e não sabes bem por que razão continuas.

Olho finalmente para o meu rosto no espelho. Estou mais cansado, mais magro, mais bronzeado. Mas, acima de tudo, tenho um olhar diferente. Mais calmo.

Descubro que o Gabinete do Peregrino, a esta hora, já está fechado. E, então, decido sair para jantar e para descobrir esta cidade que, há séculos, continua a atrair homens e mulheres de todo o mundo, o que contribui para torná-la única.



Aí está ela!

Sexta-feira, 22 de maio: o último *sello* e a missa do peregrino

Vou ao Gabinete do Peregrino logo de manhã, porque quero levantar o meu certificado: a tão esperada Compostela. Já há muitos peregrinos na fila, mas o tempo passa depressa.

Quando finalmente chega a minha vez, aproximo-me do balcão com a minha credencial bem apertada nas mãos. Está gasta, com os cantos dobrados, cheia de carimbos. Parece-se um pouco comigo.

Do outro lado, está um voluntário japonês. Tem um ar gentil e concentrado enquanto pega no documento e começa a folheá-lo com atenção.

Não se limita a dar uma olhadela distraída. Examina mesmo, um carimbo após o outro: Saint-Jean-Pied-de-Port – Roncesvalles – Pamplona – Burgos – León – O Cebreiro – Santiago.

Observo-o enquanto verifica datas e carimbos e, por um instante, parece-me reviver toda a viagem. Cada carimbo representa um dia de caminhada: um esforço,

um encontro, uma chuva repentina, um riso partilhado, uma subida maldita.

No final, acena lentamente com a cabeça e carimba o último selo.

Sorri para mim, felicitando-me por ter partido de Saint-Jean-Pied-de-Port e por ter completado todo o percurso.

Depois, imprime a Compostela em espanhol e em latim e, em vez de se limitar a entregá-la como fazem os seus outros colegas, levanta-se.

Faz uma pequena reverência e entrega-me os certificados com ambas as mãos, como se não estivesse a entregar duas simples folhas, mas algo muito mais importante.

É um gesto de poucos segundos e, naquele instante, percebo que o Caminho acabou mesmo.

Todas as emoções que, durante semanas, eu tinha mantido disciplinadamente em fila, como os peregrinos no caminho, decidem subitamente emergir ao mesmo tempo.

As lágrimas continuam a escorrer: pelo cansaço acumulado, pela alegria, pela gratidão.

O voluntário japonês sorri-me novamente com discrição.

Talvez veja cenas semelhantes todos os dias. Ou talvez saiba que, quando um peregrino chora perante a Compostela, não está a celebrar uma chegada. Está a despedir-se de uma parte de si que permanecerá para sempre ao longo do Caminho.

Com a Compostela ainda bem apertada nas mãos, saio do Gabinete do Peregrino e dirijo-me para a catedral.

Daqui a pouco, começará a Missa do Peregrino.

No entanto, já há algum tempo que não vou à missa.

Não por hostilidade, mas, mais banalmente, por causa daquela estranha doença moderna que consiste em adiar sempre o que não é urgente, até que passem meses, por vezes anos.

E, assim, dou por mim a sorrir, pensando que, para me fazer voltar a uma missa, o Senhor teve de me fazer percorrer a pé quase oitocentos quilómetros pela Espanha.

Provavelmente, haveria métodos mais simples.

Entro na catedral e sento-me. À minha frente, balança o *Botafumeiro*, cheio de incenso, imponente e quase irreal. Suspenso no vazio como um pêndulo gigantesco parado no tempo, domina a nave com uma presença que inspira respeito.

Durante séculos, acolheu milhões de peregrinos que chegaram a Santiago após semanas ou meses de caminhada.

À minha volta, há pessoas vindas de todos os cantos do mundo. Línguas, idades e histórias diferentes, mas estamos todos ali pela mesma razão: chegámos. Reconheço-me um pouco em todos eles.

E, por um instante, penso nos Pirenéus, na meseta, nos albergues, nas conversas ao longo do caminho, nas pessoas que encontrei e que ficaram no meu coração.

Não sei dizer se o Caminho me tornou uma pessoa melhor.

Suspeito que a minha mulher, se fosse questionada sobre isso, pediria mais provas.

De qualquer forma, uma certeza abriu caminho na minha mente e na minha alma. Sentado naquela catedral, sinto-me profundamente grato.

Não sei dizer exatamente a quem ou a quê: a Deus, à vida, ao acaso ou a todas aquelas coincidências que me permitiram estar ali naquele preciso momento.

Só sei que penso em todos os meus entes queridos, na saúde que ainda me permite caminhar e nas infinitas circunstâncias felizes que, com demasiada frequência, considero normais.

E, finalmente, compreendo o quão pouco de tudo isto é realmente garantido.

Epílogo — O regresso

Quando cheguei a Santiago, pensava que o mais difícil já tinha acabado. Estava enganado.

A parte mais complicada do Caminho, no fundo, é regressar à vida quotidiana e reacostumar-me a um mundo que corre incessantemente, depois de ter descoberto que quase tudo pode ser alcançado caminhando devagar.

Durante semanas, vivi com muito pouco: uma mochila, duas mudas de roupa, um quarto arranjado à última da hora, o desafio diário de chegar à próxima localidade sem que os pés, os joelhos ou a dignidade moral cedessem definitivamente.

Nos primeiros dias após o regresso, continuo a acordar cedo, como se, a qualquer momento, tivesse de voltar a pôr-me a caminhar.

Sinto falta do tilintar dos bastões no caminho e daquele cansaço físico absoluto que, à noite, me fazia adormecer em três segundos sem precisar de pensar no futuro, nas contas, nas reuniões e nas notificações.

Tudo volta a correr a mil à hora. O telemóvel vibra e os e-mails multiplicam-se de hora a hora, como organismos geneticamente modificados. Fala-se de urgências que, depois de ter atravessado a pé o Norte de Espanha, assumem subitamente a importância de uma discussão sobre a cor das cortinas.

Durante alguns dias, sinto-me quase deslocado. Entro nos supermercados e parecem-me gigantescos. Abro o roupeiro e pergunto-me como é possível ter tantas calças, camisas e gravatas depois de ter vivido um mês com uma mochila que pesava pouco mais de seis quilogramas.

Chego mesmo a surpreender-me a olhar com nostalgia para um caminho de terra batida que vislumbro pela janela do carro. Durante semanas, o meu mundo esteve repleto de setas amarelas, botas empoeiradas, amanheceres silenciosos e pessoas encontradas por acaso. Agora, tudo parece mais confortável, mas também um pouco mais complicado.

No entanto, algo mudou, não da forma espetacular que se conta nos filmes ou nos livros espirituais. Não tive uma iluminação repentina nem comecei a meditar ao amanhecer. Pelo contrário, na primeira manhã em casa, dei por mim a andar de sala em sala a desligar as luzes que os meus filhos tinham deixado acesas. Depois,

o computador ficou bloqueado e não conseguia enviar um e-mail. Como sempre. Como se nunca tivesse partido.

Continuo a preocupar-me e a perder a paciência por motivos muitas vezes insignificantes e a ficar agitado com problemas que, por vezes, só existem na minha cabeça.

Finalmente, percebi que grande parte da vida se assemelha muito mais ao Caminho do que imaginamos. Não controlamos tudo, não podemos prever todos os obstáculos, mas encontramos pessoas que nos ajudam sem nos conhecerem, enfrentamos subidas que parecem impossíveis e descobrimos, quase sempre, que temos mais força do que pensamos.

Obviamente, continuam a existir as responsabilidades, as pessoas que amamos e que envelhecem, as preocupações, os medos, as decisões a tomar e aquelas que continuamos a deixar em suspenso. Algumas, para ser sincero, insisto em adiá-las com notável talento.

O Caminho, porém, lembrou-me que quase tudo pode ser enfrentado da mesma forma que se percorrem oitocentos quilómetros a pé: sem ter necessariamente todas as respostas, sem pressa, mas continuando a avançar, um passo de cada vez.

E, por vezes, isso já é muito.

Agradecimentos e um desejo

Obrigado a todos aqueles que dedicaram tempo e atenção à leitura e à revisão deste diário.

Um agradecimento especial a Carla Barba-Rôxa, pela tradução cuidadosa e rigorosa desta obra para português, realizada com grande dedicação e sensibilidade.

Ao meu amigo José Ricardo Gonçalves, um obrigado de coração por me ter incentivado a publicar também uma edição portuguesa deste livro.

E obrigado às pessoas que me querem bem, pelo carinho e apoio que nunca me deixaram faltar.

A quem quer que abra este livro, desejo que encontre, mais cedo ou mais tarde, a coragem de partir em viagem para realizar um sonho adiado há demasiado tempo. Não tem de ser necessariamente até Santiago. Basta um primeiro passo.

Bruxelas, 1 de novembro de 2026

Michele Colucci